BIZZ

O novo som do Nordeste:

Mundo Livre S/A & Banda Mastruz Com Leite

Há 25 anos:

a conquista da lua e Woodstock

EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO

Mick Jagger prepara a invasão brasileira dos

ROLLING STONES

o disco, a turnê e o megacontrato

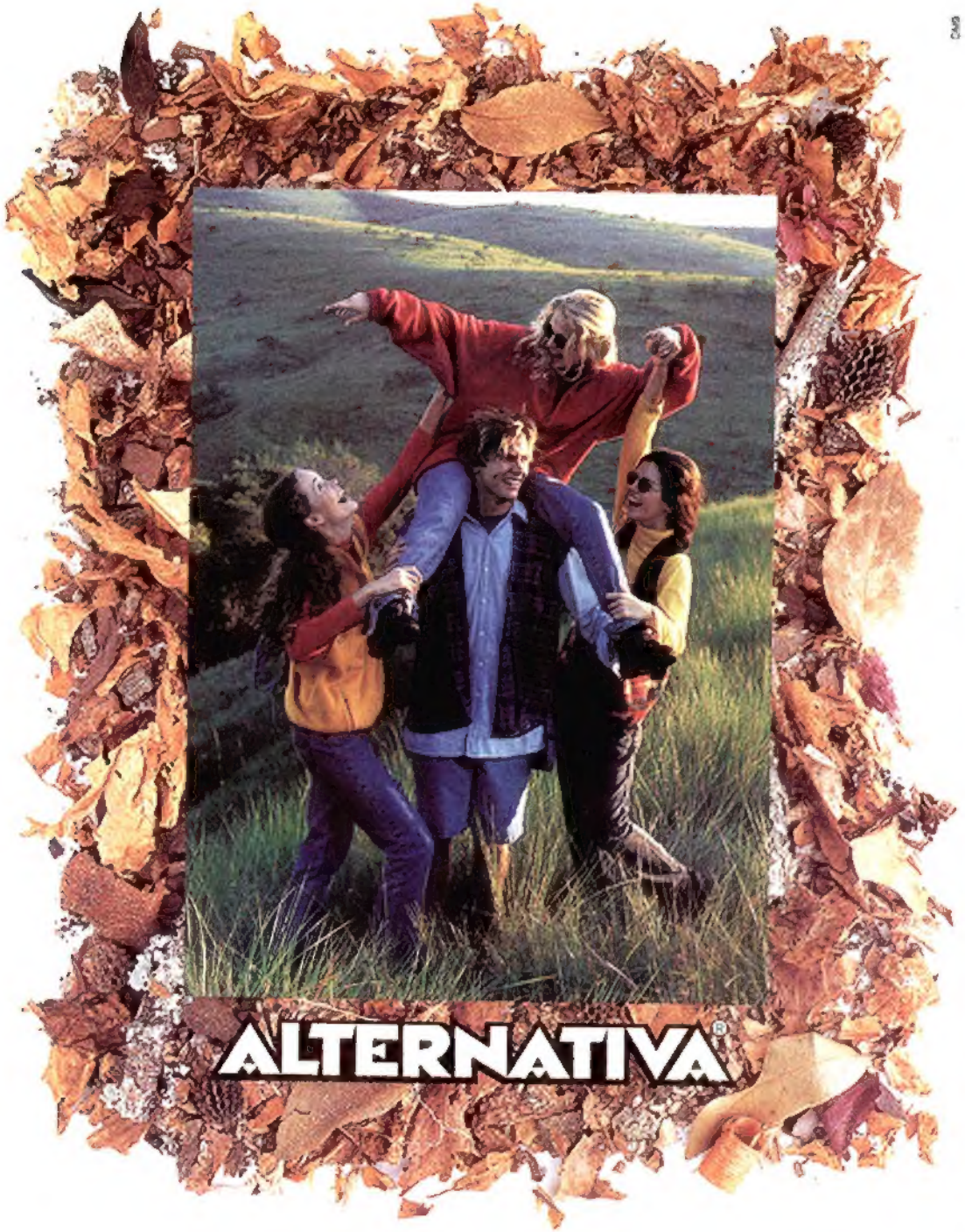
EDITORA AZUL

$5.00 / ANO 10 / Nº 7 - EDIÇÃO 108 - R$ 3,75

ISSN 0104-1649

7 701041 640007 00108 6

Virgin Music Group Limited (1994)
All Rights Reserved



Só na Mexbla.

editorial

Nove anos de BIZZ! Ao longo de 108 edições, firmando-se como a mais importante revista especializada em rock & pop do país – senão da América Latina. Durante esse tempo, ela procurou cobrir o que estava ocorrendo de mais importante na cena nacional/internacional, revelou novidades (que você leu, lê e lerá aqui antes), entrevistou um monte de gente de talento, resgatou uma série de nomes históricos, criou polemicas e foi objeto de elogios – e críticas, é claro.

Posso dizer que tenho orgulho de ter colaborado em boa parte dessa trajetória e gostaria de dedicar este número de aniversário aos colegas que passaram por nossa redação, aos colaboradores e aos correspondentes no Brasil e no exterior, ao pessoal do setor gráfico e da publicidade etc.

Mas queria dedicar esta edição principalmente a você, leitor, que nos acompanhou e participou ativamente da revista, dando força, corrigindo erros e mesmo metendo o pau... Você sempre será a razão principal de existência da BIZZ e por isso deve ser o primeiro a receber os parabéns, nesta data querida...

Claro que uma edição de tal importancia teria que ser no capricho. E por uma feliz coincidencia, neste nono aniversário, pudemos comemorar bisando agora o grupo que estava na capa do número 0 da revista – que não chegou a circular em bancas.

Sim, a edição inaugural da BIZZ estampava na capa Mick Jagger, a voz dos ROLLING STONES. A banda – talvez a maior lenda viva do rock'n'roll – retorna à ativa com um novo álbum e está prestes a começar uma turnê-monstro, que deve aportar por aqui no começo de 95. José Emilio Rondeau, nosso homem em Los Angeles, ouviu em primeira mão o disco e falou com seu produtor, Don Was, para saber os segredos desta volta triunfal. Outro retorno de luxo – o dos PRETENDERS – é dissecado por Anamaria Lemos, num cara-a-cara com a vocalista Chrissie Hynde, em Londres. Lá, Fernando Naporano levou um papo com o PAVEMENT, sensação do novo rock.

Do lado nacional, fomos investigar dois fenômenos musicais do Nordeste: a "oxente music" da BANDA MASTRUZ COM LEITE – que depois de sacudir Fortaleza, já invade o "sul-maravilha" – e o MUNDO LIVRE S/A, que chega com o samba/rock/funk diretamente do Recife.

Mas não é só a BIZZ que aniversaria este mês. Há 25 anos o homem chegava à lua, um marco na história mundial que revolucionou o comportamento, a mídia e as artes, com influências que chegam até os dias de hoje.

Para comemorar este quarto de século, trazemos um ensaio sobre esse passo gigantesco rumo ao cosmos – ocorrido um mês antes do Festival de Woodstock. Então, paz, amor, um brinde a você e à BIZZ. CELSO PUCCI

BIZZ

Ano 10 • Nº 7 • Edição 108 • Julho, 1994

20
A nova onda entre a moçada: balançar os esqueletos ao som da *óxente music*

22
Desleixados e geniais: os malucos do PAVEMENT arrebentam a boca do balão para a BIZZ

24
MUNDO LIVRE S/A adiciona o suingue de Jorge Ben Jor ao mangue beat produzido no Recife

26
Chrissie Hynde deixa o posto de mãe de lado e remonta os PRETENDERS e emplaca um novo disco do grupo, *Last Of The Independents*

30
História para adolescentes: o que rolava no mundo enquanto o homem colocava seus pés na LUA

36
ROLLING STONES: saindo com o disco *Voodoo Lounge*, o velho e bom grupo prepara mais uma turnê milionária

Mick Jagger, a lenda viva que foi a capa do número zero da BIZZ, está de volta para incrementar esta edição histórica

este mês

Foto da capa: Divulgação

SHOWBIZZ
6 Tatis em projeto paralelo e rockstars no cinema
8 Confira o que é essa tal de "Linguagem MTV"
9 *Ouça Essa*, o A-B-C do rock gaúcho
10 Ninfetas caem de boca, Pearl Jam em guerra
12 O filho de Raul Seixas e um guia para curtir a Jamaica
13 A *dance music* "tipo exportação" de Corona
14 O calouro nos Engenheiros Do Hawaii, Green Day
16 Caetano e as Paquitas, morte no Hole
18 Os caras do Mötley Crüe lavam a maquiagem

AO VIVO
48 Especial dedicado ao festival *Nescafé di Blues*

LANÇAMENTOS
54 Sonic Youth em dose dupla: *Daydream Nation* e *Experimental Jet Set, Trash And No Star*
56 Rollins Band, *Alternative NRG* e Elvis Costello
57 Itamar Assumpção, The Brian Setzer Orchestra e Tool
58 Stone Temple Pilots, Bel, Angra, Verdaguer e Nazi E Os Irmãos Do Blues
59 Um pacote com trilhas sonoras de primeira
60 Bolha De Disco, *Alta Rotação*
61 Os álbuns favoritos de Sérgio Britto, *Parada*

ZONA FRANCA
62 Pacote de eletropop do selo Subway, o novo álbum dos Violent Femmes e a revelação do Throneberry

REPLAY
64 Roy Orbison e Johnny Cash
65 Gilberto Gil, Rick Nelson e Anthrax
66 O blues de Jimi Hendrix, Three Dog Night
67 The Pogues em relançamentos e Au Pairs na *Jukebox*

MIX
68 O malho do Pantera e os Beastie Boys na revista *Vibe*

CARTAS
70 Fãs de Marley protestam, Cobain ainda causa comoção

DISCOTECA BÁSICA
74 O heavy pioneiro do Blue Cheer em *Vincebus Eruptum*

BOO-YAA VISION
IN FULL EFFECT !

ART DIR HECTOR RUNGRIA · FOTO SHORTMAN

VISION STREET WEAR

SÃO PAULO - R. Bom Pastor, 1515 - tel. (011) 274-4188 · JUIZ DE FORA - R. Marechal Deodoro, 444 - lj. 233 · GOIÂNIA - Av. 17 nº 260 - sala 13 · LONDRINA - R. Tupi, 223 - lj. 12 · JACAREÍ - R. Barão de Jacareí, 155 · FRANCHISING - (011) 274-4188

Showbizz

A NOVA PAIXÃO DOS TITÃS

Sérgio Britto e Branco Mello resolveram assumir: oficializaram o projeto paralelo **RICHARD KLEYDERMAN**.
O novo grupo entra em estudio este mês para gravar seu primeiro disco, que deve sair em setembro pelo selo Banguela. Além de Sérgio (guitarra e vocais) e Branco (baixo e vocais), o RK conta ainda com a baterista Roberta, descoberta pela dupla numa audição. "Eu e o Branco tocávamos juntos por diversão. Quando achamos a Roberta, a coisa começou a ficar séria", diz Sérgio. A primeira demo do RK tem treze músicas que soam como a fase mais pesada dos Titãs, melhorada por influências explícitas de hardcore, punk e pós-punk.
E os Titãs? Britto explica: "Estamos tocando esse projeto agora, enquanto a banda está de férias, fazendo uma parada mais longa. O grupo não vai acabar, embora um monte de gente vá pensar que sim". Segundo Branco, "este projeto é uma coisa mais modesta, não tem obrigação de ir ao *Domingão Do Faustão*. Estamos na maior expectativa". O *power trio* ainda não definiu como será o repertório do disco, mas garante que tem várias músicas próprias, além das treze que estão na demo.

ASTROS DO ROCK À FRENTE DAS TELAS

PHIL COLLINS NA SAUNA E NO CRIME • Depois de interpretar um dos parceiros de Ronald Biggs no famoso roubo do trem do Correio Real da Inglaterra em *Buster – Procura-se Um Ladrão* (88) e da ponta em *Hook – A Volta Do Capitão Gancho* (91), o *hitmaker* pode ser visto em dois lançamentos recentes em vídeo: *E A Vida Continua* (93), no qual interpreta um tresloucado dono de uma sauna, e *O Mago Da Chantagem* (93), no papel-título, um delicioso vilão que mistura Coringa com *A Revolta Dos Brinquedos*, aquele filme com Robin Williams e LL Cool J.

JANET JACKSON, A GOSTOSA • A irmã bem-sucedida de Michael Jackson estreou nas telas em *Sem Medo No Coração* (93), grande fracasso de John Singleton (*Boyz N'The Hood*), que teve indicação ao Oscar de melhor tema musical mas cuja bilheteria insignificante manteve o filme inédito no Brasil. Jackson foi eleita a melhor atriz (!) e a mais gostosa no recente *MTV Movie Awards*.

TUPAC SHAKUR EM CENA • O polêmico *rapper* estuprador também está tirando a sua casquinha das luzes da ribalta. Após estrelar *Juice* (92) e o acima citado *Sem Medo No Coração*, está no elenco de *Above The Rim* (94), um filme sobre basquete com Leon (*Jamaica Abaixo De Zero*).

MARKY MARK EM DOSE DUPLA • O ex-modelo das cuecas Calvin Klein está em *Renaissance Man*, como aluno de uma escola militar e, à maneira de *Sociedade Dos Poetas Mortos*, tem como professor o "dinâmico" Danny DeVitto. Atuará ainda em *Bullet*, dirigido por Julien Temple (*Absolute Beginners*) e ao lado de Mickey Rourke, que fará um atleta em decadência.

LEMMY NO PAPEL DE LEMMY? • O líder do Motörhead se auto-interpreta na comédia de ação *Os Cabeças-De-Vento* (94), sobre um obscuro trio de rock que sitia uma estação de rádio para fazer tocar a sua demo. Lançamento previsto para setembro.

L7 & A SÉTIMA ARTE • O grupo feminino de Los Angeles estréia na comédia de humor negríssimo *Serial Mom*, de John Waters – que gosta de trabalhar com roqueiros, como em *Hairspray* (Debbie Harry) e *Cry Baby* (Iggy Pop). Elas personificam o grupo Camel Lips, de Baltimore. Por aqui depois de outubro.

VANESSA PARADIS DE VOLTA • Depois de estrear em *Bodas Brancas* (91), ela retorna às telas com Gérard Depardieu em *Joyeux Noel* (Jean Becker), na história de dois órfãos adotados simultaneamente.

FOTO: DIVULGAÇÃO

UM "EXCELLENT" AEROSMITH • Se na primeira parte quem aparecia em cena era Alice Cooper, agora é a vez do grupo Aerosmith – nota: com *closes* especiais da boca de Steven Tyler – brilhar à frente das câmeras em *Quanto Mais Idiota Melhor 2* (94), a ser lançado em vídeo em setembro.

DEBBIE HARRY EM NOVOS PAPÉIS • A eterna Blondie já se tornou *habitué* nas telas. Em junho, chegou às locadoras *Trilogia Do Terror* (93), telefilme com direção de John Carpenter e Tobe Hooper. Num dos episódios, Debbie é uma enfermeira infernal. Agora, ela atuará em *Dead Beat*, onde um jovem sexualmente ambíguo recorre à fantasia para fugir do tédio de sua cidadezinha interiorana nos anos 60. A produção será de Christophe Lambert.

ICE-T ATUANDO AO LADO DE BONO VOX E HENRY ROLLINS • O raivoso *rapper* já tem uma carreira sólida como ator (*New Jack City*, *Os Saqueadores*) e agora se prepara para figurar em outros dois filmes: *Surviving The Game* e o muito aguardado *Johnny Mnemonic*, que trará para as telas o herói *cyberpunk* de William Gibson. A direção do projeto está sob a responsabilidade do artista plástico Robert Longo.
Além de ser a estréia do cara como diretor cinematográfico, essa comentada produção vai apresentar ainda duas surpresas de primeira em termos de atuações: nada menos que o *debut* de Bono Vox, do U2, e de Henry Rollins, o líder da Rollins Band (*no papel de leão da Metro, nesta página*) como atores.
Não está pronto, mas já tem cara de *cult*. CHRISTIAN PETERMANN

E a "linguagem MTV?"

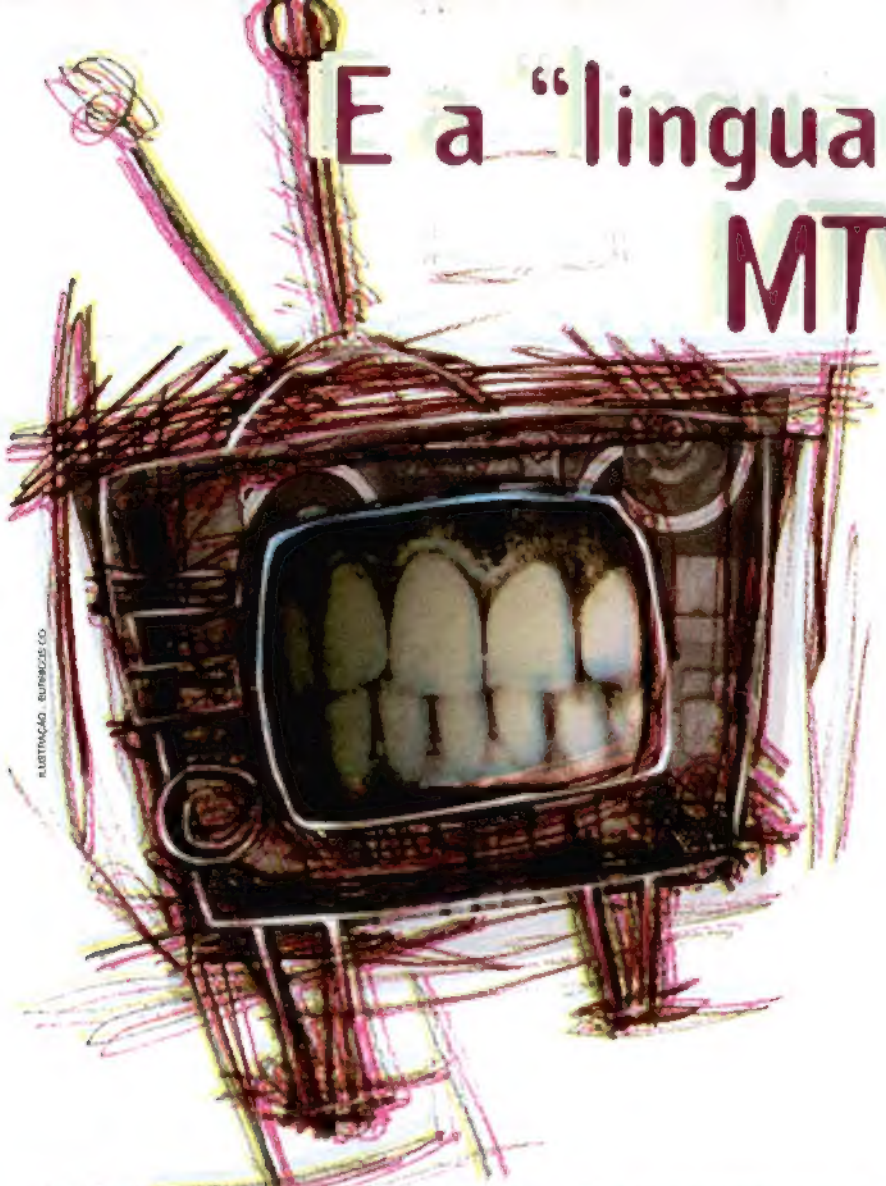


ILUSTRAÇÃO - EUFRÁSIO CO.

José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, foi curto e grosso ao decretar definitivamente o fim da "linguagem de clips" na TV Globo.
O vice-presidente de operações da emissora encaminhou um memorando para os diretores do Rio e de São Paulo no dia 18 de maio.
O comunicado circulou rapidamente pela rede televisiva, deixando claras as suas intenções para os reponsáveis pela programação.
Leia a seguir a íntegra do memorando:

"Precisamos retomar uma linguagem direta, clara, menos nervosa. o vídeo 'enlouquecido' já era. Os 'clips' estão abandonando essa forma e as 'MTVs da vida' estão procurando outros caminhos. A palavra de ordem é simplificação. Efeito gratuito está proibido. Alucinações como os efeitos de edições do *Esporte Espetacular* e de Regina Casé em *No Geral* devem ser banidos por destruírem o conteúdo e serem uma falsa e desprezível forma de modernismo. Chega!"

É irresistível citar Roddy Doyle: "linguagem *MTV* Ah-Ah-Ah!" Incrível como um memorando pode provocar tanta discussão – e ser tão mal interpretado... Não foi o memorando solto pelo Boni que foi mal interpretado, mas o próprio conceito que ele descreve – linguagem *MTV*. Só rindo. Primeiro porque aquilo que a maioria das pessoas querem dizer ao mencionar "linguagem *MTV*" é uma forma de mostrar imagens muito rápida, dinâmica, com "cortes secos", numa edição que balança entre o grosseiro e a sofisticação da pós-produção, com efeitos gratuitos e muita "loucura".
Para os que pensam assim, aqui vai uma má notícia: isso não é a linguagem *MTV*. É linguagem de clips.
A confusão é óbvia. A *MTV* é um canal que veicula clips em cerca de 80% do seu horário de programação. Nada mais natural que as duas linguagens se misturem.
Mas é importante separar a emissora como mera transmissora de uma estética e como criadora de uma linguagem. Diferente de redes como o *SBT* (que transmite novelas mexicanas e faz o possível para que sua programação se aproxime da mesma estética), a *MTV* consegue ter esses dois papéis diferentes. Seria melhor dizer que a *MTV* americana consegue desempenhar bem essa tarefa, enquanto a brasileira tenta com muito afinco, desde seu início em outubro de 90, porém com resultados irregulares.
No papel de transmissora, a *MTV* impõe essa estética de clips numa atitude quase passiva. É assim que ela criou sua marca, é assim que ela ganha dinheiro e é assim que ela começou a exercer sua influência no comportamento adolescente.
Já como criadora de uma linguagem, a *MTV* nunca teve tempo (nem dinheiro) para aprimorar seus recursos e chegar no nível de sofisticação dos vídeos musicais que transmite. Com exceção de algumas chamadas e vinhetas (mesmo nessa área, muitas peças feitas com surpreendente simplicidade em concepção e produção), nada na *MTV* é feito com a intenção do exagero da pós-produção. Imediatamente você vai começar a se lembrar de contra-exemplos da idéia acima. Tudo bem, existem aos montes. Mas como alguém que já participou da criação de parte dessa linguagem (pelo menos no Brasil), eu garanto que a origem da idéia nunca é essa.
O que eu considero linguagem *MTV* é a capacidade de codificar todas as mensagens que a assustadora (em volume) cultura pop contemporânea nos oferece e traduzir isso em minutos de inteligência pop (precisa explicar o que é inteligência pop?). Precisa: é a habilidade de manipular as rápidas informações culturais que nos chegam e transformá-las em algo mais condensado, mais rápido, mais esperto e mais divertido).
Tem um exemplo óbvio disso: *Beavis And Butt-Head*. Você já deve ter lido em todo lugar que os primeiros episódios foram feitos com um *kit* de animação que custou duzentos dólares. Com esse despojamento, a série é a forma mais brilhante e engraçada de discutir os elementos pop que circulam entre os *teens* americanos. Nesse sentido, a *TV Globo* sem saber teve um ótimo programa na linguagem *MTV*, que era o *TV Pirata*, onde tudo que acontecia em determinada temporada era reaproveitado (*Casseta & Planeta* ganha dez em esforço e seis em resultados, na mesma intenção).
As patéticas tentativas do *Esporte Espetacular* em se aproximar do *MTV Sports* são uma releitura grosseira do que alguém lá dentro daquela emissora acha que é linguagem *MTV*. O outro "alvo" do famoso memorando, o quadro de Regina Casé no *Fantástico*, parte do mesmo princípio para chegar em diferentes resultados ruins.
Não é só de "idéias loucas" jogadas que é feita a linguagem *MTV*. A linguagem *MTV*, nos seus melhores momentos, é feita de loucura, criatividade e cultura pop. É com esses três elementos acima que a *MTV* americana se prepara para enfrentar os novos canais musicais que virão por aí (cujos donos serão as próprias gravadoras "loucas" para tirarem alguma exclusividade da *MTV*).
Para os próximos dez anos, ela deve se posicionar mais como um canal de comportamento jovem do que musical.
E pode ter certeza de uma coisa: ninguém sabe fazer isso melhor do que eles. Especialmente porque todo mundo lá ao menos sabe quem é Roddy Doyle...

ZECA CAMARGO

P.S.: Roddy Doyle é o escritor que ganhou este ano o *Booker Prize* pelo romance *Paddy Clark Ah-Ah-Ah* e também escreveu o livro *The Commitments*, que virou filme de Alan Parker.

O A-B-C do rock gaúcho

Um apanhado geral do rock porto-alegrense entre os anos 60 e 90 pode ser conferido em um fascículo e um CD, patrocinados pela administração municipal de Porto Alegre. Disco e fascículo tiveram a coordenação do jornalista Gilmar Eitelvein. O primeiro é uma seleção significativa: começa no jovem guardismo de **OS BRASAS** (que abrigou o *reggaeman* Luiz Wagner) e dos **CLEANS**, passa pelo **LIVERPOOL**, primeira e única manifestação *rocker* tropicalista do Rio Grande do Sul e chega até o som instrumental de **FRANK SOLARI**, sem esquecer dos **ENGENHEIROS DOS HAWAII** e dos **REPLICANTES**. Se a seleção musical revela uma boa noção histórica do rock gaúcho, é preciso ter cuidado com as informações nos textos dos fascículos e no encarte do CD. Além de notas apressadas sobre grupos gaúchos, há gravidades como "o folk rock dos Almann *(sic)* Brothers" ou "o rock pesado inglês dos Stones e dos Byrds", sendo que os últimos foram uma das formações mais tipicamente americanas da história do pop.
O produto pode ser encontrado em lojas de discos e bancas de jornais de Porto Alegre. O pessoal de outros Estados pode obter o pacote pelo telefone (051) 221-586.

OUÇA ESSA

"Acredito que no futuro eu serei interativo. Você vai me acessar e dizer qual música eu tenho que tocar para você" **(Prince, na revista inglesa Q)**

"Eu creio em Deus. Acho que ele deve ser a cara de Elvis Presley" **(Aimee Mann, também na Q)**

"Não fiquei comovido com a morte de Kurt Cobain. Senti apenas raiva. Ele era mais jovem e famoso do que eu, que também senti na pele a dor de ser rejeitado pelos pais" **(Seal, terceira da Q)**

"Isso iria acontecer de qualquer jeito, certo? Essa coisa de te construir, te derrubar, me dê algo mais. Isso me enoja" **(Kat Bjelland, das Babes In Toyland, sabendo que a vida de Kurt Cobain iria virar filme, revista *Entertainment Weekly*)**

"Quando entrei nos Sex Pistols, não passávamos de um grupo de covers tocando músicas de The Who e The Small Faces" **(John Lydon, *Musician*)**

PARA CAIR DE BOCA

Eis aqui o **BOKA BOKA**: três "modelas" com sainhas curtíssimas e olhares sedutores totalmente ao alcance dos tarados de plantão. Esqueça a música (e os três marmanjos que também fazem parte da banda). Trata-se de uma armação estilo Menudo feita para engordar as contas bancárias de um empresário esperto. E lembre-se das divas: Nara, 23 anos, Débora, 22, e Rebeca, 16, estão dispostas a assegurar a diversão da galera nesses tempos de crise. Em turnê pelo Nordeste, o próximo passo do grupo é animar festas agropecuárias pelo interior de São Paulo. Quer correr atrás e tentar uma boquinha? Já está confirmada a aparição das deusas na tradicional festa de Barretos. Segura peão!

FOTO: FLÁVIO FARINA

Pearl Jam e a máfia dos ingressos

Já foi batizado de "guerra santa" o atual confronto entre o **PEARL JAM** e a principal firma vendedora de ingressos para shows nos Estados Unidos, a Ticketmaster. A banda entrou com uma queixa formal no departamento de justiça americano, alegando que foi boicotada pela empresa, após de ter proposto um rebaixamento no preço dos ingressos de seus shows para dezoito dólares – proposta que a firma recusou. Normalmente os ingressos para shows de astros como o Pearl Jam custam 25 dólares para cima, dos quais cinco a oito dólares vão para a Ticketmaster, a título de serviço. Segundo a queixa do Pearl Jam, a firma mantém um monopólio sobre a venda de ingressos no país (a sua única competidora real, a Ticketron, foi comprada em parte pela Ticketmaster em 91), além de manter contratos de exclusividade com ginásios, estádios e as principais casas de espetáculos nos EUA. Com isso, ela tem o poder de inflacionar os preços dos ingressos e impedir toda e qualquer tentativa de diminuí-los. A turnê de verão do Pearl Jam teve que ser cancelada, depois que a banda não conseguiu com que a Ticketmaster baixasse os ingressos para dezoito dólares – desses, apenas um dólar e meio por ingresso iriam para a firma. Mas poucos artistas e empresários vieram publicamente em defesa do Pearl Jam. Um deles foi Pam Lewis, empresária do cantor country Garth Brooks: "Achamos que esse mercado está sendo controlado pela ganância e o encorajamos (todo mundo) a apoiar o Pearl Jam". Vários, no entanto, tentaram contemporizar. "Admiro uma banda jovem que tente reduzir o preço dos ingressos", disse Claire Rothamn, gerente geral do Great Western Forum, base do time dos Lakers, em Los Angeles, e palco de importantes shows de música. "Mas as taxas de serviço não podem ser baixadas aos níveis desejados pelo Pearl Jam."

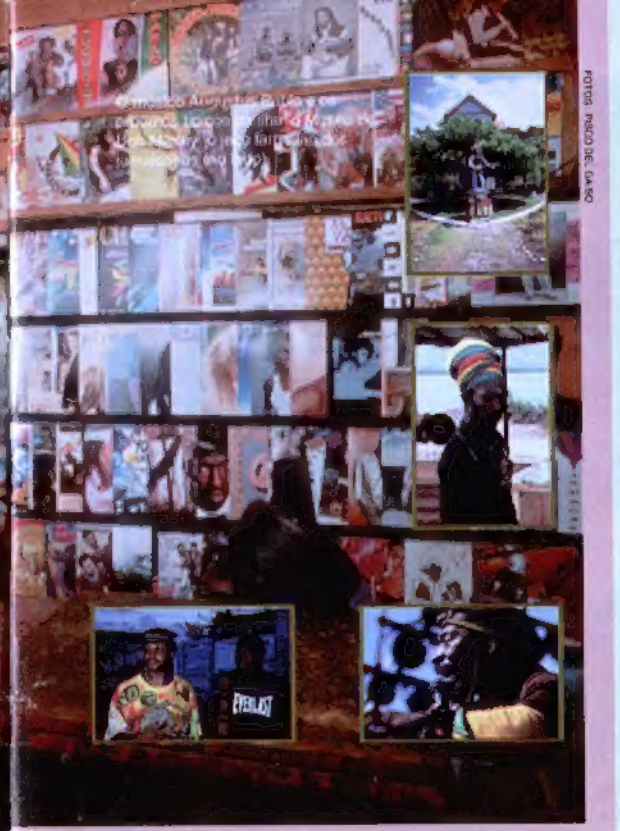
INDEPENDÊNCIA OU MORTE

São 21 bandas nacionais e seis gringas a repetir em Belo Horizonte o brado de D. Pedro I. A rebelião vai de 12 a 15 de agosto, durante o **Belo Horizonte Rock Independent Fest**. Confirmados para o evento, que tem entrada grátis: **FUGAZI** (do ex-Minor Threat, Ian MacKaye), **YOUNG GODS** (noise eletrônico suíço), **THE NUDES** (do percussionista inglês Chris Cutler), **ANATHEMA**, **MINISTER OF NOISE** (Inglaterra) e **SECOND DECAY** (Alemanha), além dos brazucas **KILLING CHAINSAW**, **JORGE CABELEIRA** e outros. Ian, líder do ultra-independente Fugazi, disse estar "muito curioso" para voltar ao Brasil: "Conheci Rio e São Paulo durante o Hollywood Rock em que fui com minha namorada Jennifer, do L7." O Fugazi está sendo tão aguardado que uma turnê deles por outras cidades – Rio, Curitiba, Campinas, Brasília e Florianópolis – já foi acertada extra-oficialmente. O BHRIF vai ter mostras de fotografia, vídeo, fanzines e fitas demo, além de seminários e debates. Os shows acontecem na Praça da Estação Ferroviária e os eventos paralelos no Centro Cultural UFMG.

O FILHO BASTARDO DE RAUL SEIXAS

The winner is... **MARCOS NIEUHES!** O estudante de jornalismo paranaense da UEL (Universidade Estadual de Londrina) reencarnou uma mistura de Raul Seixas com Lou Reed, entrou com a voz e o violão no palco do Palace em SP e peitou a galera para superar mais de novecentas músicas e levar o caneco na categoria música inédita da 3ª edição do **FestValda.**
Marcos tomou muita lata de pastilha na cabeça até que a galera do Palace se rendesse à letra hilária e ao refrão pegajoso de "Efeito Pretérito", consagrando Marcos como a figura mais original do festival.
A música fala de tudo que fez parte da infância e adolescência de quem tem hoje entre 20 e 30 anos: do pirulito com pozinho (lembra?) aos seriados japoneses. Agora o cantor se prepara para gravar um CD single pela gravadora Warner e um clip sob a direção da cineasta Tizuka Yamazaki. Para quem quiser tentar a sorte nas categorias "música inédita" e "cover" no FestValda do ano que vem, mande sua fita para Valda Editora & Produtora na Av. Canal do Anil, 1263 – Jacarepaguá, Rio de Janeiro – CEP: 22765-430.

Rita Marley, a filha dos DJs no Sunsplash e figurinhas carimbadas como os músicos/produtores Sly Dunbar e Robbie Shakespeare, além do veterano Bunny Wailer



FOTOS: PAULO DE GA SO

sol, mar & CERVEJA

Começa no mês que vem, na Jamaica, o **Reggae Sunsplash Festival**, o maior do gênero no mundo. São seis dias regados a sol, mar e pela melhor cerveja da ilha (a Red Stripe), além – claro – de muito reggae.
Entre as atrações deste ano (onde os shows vão das nove da noite às nove da manhã) estão **THIRD WORLD, TOOTS AND THE MAYTALS**, o "príncipe do reggae" **DENNIS BROWN, PATRA** e o inimigo nº1 das *drag queens*, o DJ **BUJU BANTON.**
Tirando a passagem de avião, o passeio na Jamaica sai barato. Um dólar jamaicano custa 33 dólares americanos.

A Red Stripe, cerveja mais popular da ilha, custa em torno de trinta dólares jamaicanos; um prato de comida varia entre oitenta e cem dólares jamaicanos. Os ingressos para curtir o festival também não estão caros. O passaporte para as seis noites (incluindo brindes e acesso ao *backstage*) vale 110 dólares. A empresa que organiza o evento, a Sinergy, também oferece acomodações que não custam mais do que quarenta dólares americanos por pessoa. A Sinergy remete seus pacotes direto da Jamaica – pelo fone 809/942-9116 ou através de sua filial em Nova Jersey (201/744-7200).
Interessou? Ótimo, mas saiba: na Jamaica devem ser tomadas certas precauções. Não seja simpático demais com os *hustlers* (espécie de quebra-galhos local) sempre dispostos a te dizer "Jah Rastararay" e te pedir para pagar uma cerveja.

FILHA PRÓDIGA

Um nome esquisito, a batida *euro-dance*, o refrão grudento... Está na cara que é mais uma das invenções periódicas do produtor italiano Robbyx, o homem por trás do sucesso de Double You, Ice MC, Pianonegro e outros. Talvez por emplacar tantos hits por aqui, desta vez ele recrutou a brasileira Olga Maria para cantarolar "The Rhythm Of The Night", sob o nome de **CORONA**. Ela – que havia partido para a Europa há nove anos como mulata do *Oba-Oba* – não esconde a surpresa em voltar para o Brasil e ouvir sua voz em todas as rádios. "Foi Deus quem me deu esse presente tão inesperado. Acho que nem ele sabia que isso ia acontecer..." diz ela, lembrando que apesar de adorar *dance music*, o que realmente gostaria de gravar era "samba tipo Raça Negra."

FOTO: IVONA FEARO ASSISTENTE ED.

TEM CALOURO NA ENGENHARIA

Como todo mundo deve saber (e principalmente você, fã dos **ENGENHEIROS DO HAWAII**), a saída do guitarrista Augusto Licks não foi das mais amigáveis. "Ele quis registrar o nome da banda, nos processar por danos morais e eu fiquei sabendo disso pelo jornal em Porto Alegre", lembra Humberto Gessinger. Carlos Maltz é mais enfático: "O que mais me deixou puto foi essa coisa de contratar advogado. A nossa postura sempre foi muito romântica nesse sentido. Essa atitude vai completamente contra tudo que a gente canta nas nossas músicas". Por isso, na hora de escolher um novo titular para a guitarra, os dois resolveram levar mais em consideração a afinidade pessoal. "A gente não sabe tocar com músico contrariado. Tem que entrar para a família, ganhar a mesma coisa que a gente. Me sugeriram um monte de nomes, mas na verdade não teve nem audição", conta Gessinger – que acabou indicando um colega dos tempos de segundo grau, Ricardo Horn, para a vaga. Antes, ele trabalhava num jornal gaúcho e não fazia parte do circuito roqueiro – "Eu costumava tocar com grupos de jazz e blues", reconhece. Mesmo assim, Maltz está entusiasmado com os resultados. "Estamos tocando mais naturalmente agora e as pessoas dizem que o nosso som está mais pesado."

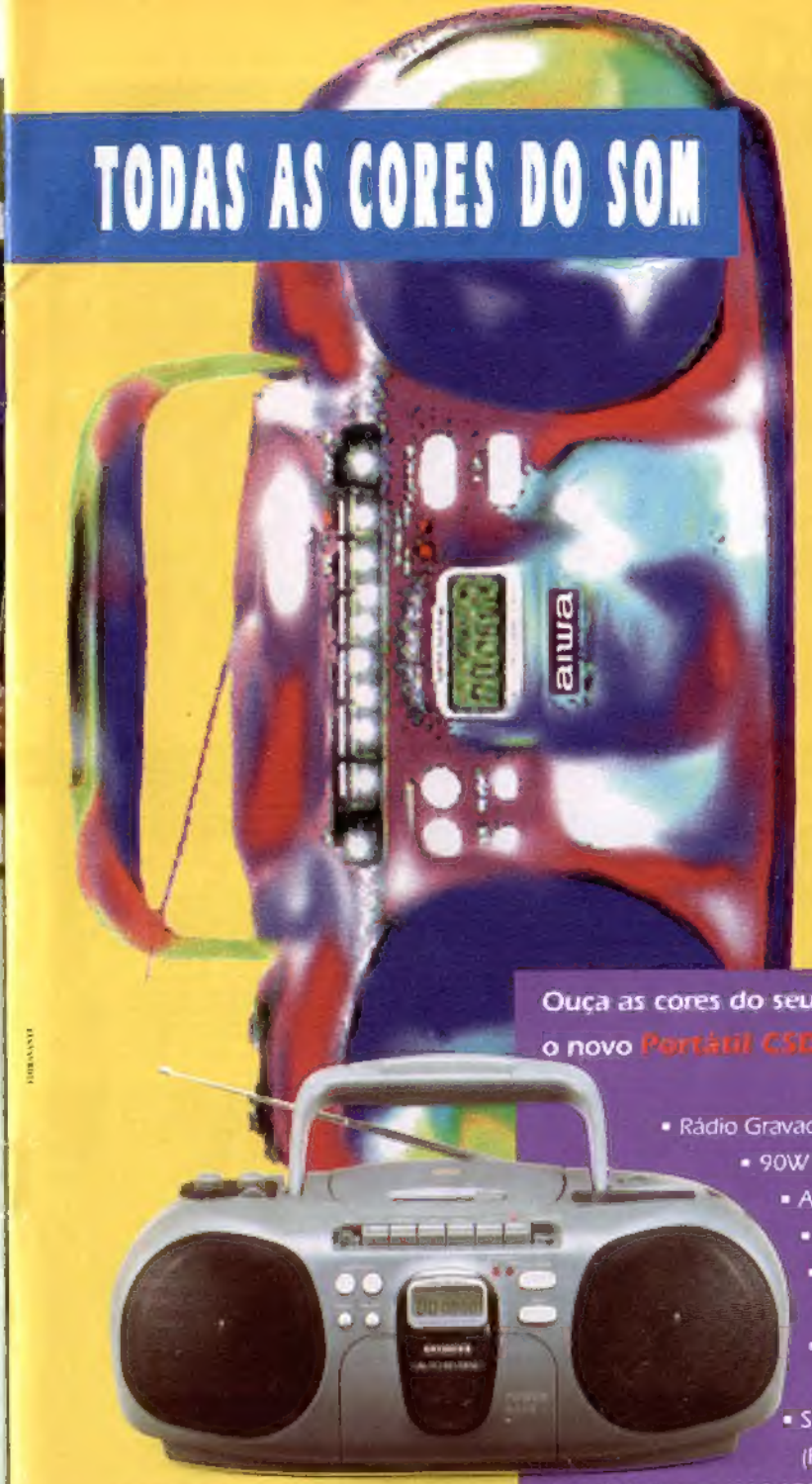
Ricardo Horn *(à direita)*: guitarra de jazz/blues no trio roqueiro gaúcho

Dias Verdes Virão

Da baía de San Francisco vêm Billy Joe (vocal/guitarra), Mike Dirnt (baixo) e Trè Cool (bateria), os rapazes do **GREEN DAY**, que não renegam as raízes punk: até bem pouco tempo, Billy Joe morava num porão e mostrava seu pênis para as câmeras. Rob Cavallo (produtor de bandas como Black Sabbath) foi quem os convenceu a assinar com a Warner. Como? Levando-os para comer em um restaurante indiano, tocando músicas dos Beatles e... fumando maconha com os caras. O resultado desse namoro é *Dookie*, o terceiro álbum do Green Day e primeiro por uma *major*. O disco levou a revista *Rolling Stone* a indicar o Green Day como "grande promessa de 94". *Dookie* entrou direto para o Top 30 da *Billboard*. O Green Day segue a fórmula "punk rock de sotaque pop" à risca, citando influências explícitas: "Ramones, The Clash, Sex Pistols, Beatles, Hüsker Dü, música country e as bandas dos nossos amigos". A julgar pelas faixas "Longview" (com clip na MTV) e "Welcome To Paradise" (já nas rádios), as chances deles são boas: instrumentação competente, letras despretensiosas e muita energia genuína e atitude punk.

A "grande promessa de 94", sucesso com atitude punk

TODAS AS CORES DO SOM



aiwa

QUALIDADE QUE MARCA

Ouça as cores do seu som preferido, com o novo Portátil CSD-EX30 da aiwa

- Rádio Gravador Estéreo com CD
- 90W (PMPO)
- Auto Reverse
- Controle de Tonalidade
- Memória do CD Player para 20 Seleções
- CD Player com Funções Search e Repeat
- Sintonizador de 3 Faixas (FM/SW/AM)
- Bi-voltagem (110-120V/220-240V) Ajustáveis

IMPORTADO

A atração de Caetano Veloso pelas Paquitas chegou ao ponto máximo. Depois de compor uma música ao ficar excitado com as meninas, o compositor baiano tenta uma nova carreira. Quer tomar o lugar da Xuxa.

ILUSTRAÇÃO SOBRE FOTO: FLÁVIO VIANNA

notas... notas... notas... notas... notas... notas... notas... notas... notas... notas... notas... notas... notas...

Depois do fracassado projeto com Jimmy Page, o vocalista David Coverdale remontou o Whitesnake. A novidade é Warren De Martini, ex-Ratt, como *guitar hero* da banda *** Tem rock da mais alta qualidade na trilha de *True Lies*, novo filme de Arnold Schwarzenegger. O Living Colour regravou especialmente para a trilha da fita "Sunshine Of Your Love", clássico do Cream*** O guitarrista Matt "Guitar" Murphy, membro da Blues Brothers Band que pode ser visto no filme *Os Irmãos Cara-De-Pau*, é uma das próximas atrações do Bourbon Street Music. Matt toca de 23 a 25 de agosto na casa. Outra fera que pinta em São Paulo é Roy Rogers, que se apresenta no Bourbon de 9 a 11 de agosto*** Quem também chega ao Brasil é o furioso grupo de reggae inglês Steel Pulse. As apresentações dos caras estão marcadas para depois da Copa do Mundo***_Balls to Picasso_, primeiro disco solo de Bruce Dickinson depois de sua saída do Iron Maiden, chega às lojas americanas em 26 de julho. A PolyGram, representante do selo Mercury no Brasil, informa que ainda não há previsão de lançamento por aqui. Paciência, meninos...*** Assim que finalizar seu novo álbum – atualmente em fase de mixagem num estúdio de L.A. – o Black Crowes deve fazer uma série de shows na Inglaterra. Os concertos devem coincidir com o lançamento do terceiro álbum da banda, em agosto. Sorte dos ingleses.*** E o Smashing Pumpkins continua em alta. *Siamese Dream*, segundo álbum da banda, está prestes a alcançar a marca de dois milhões de cópias vendidas só nos Estados Unidos, ou seja, a banda está quase com um disco de platina duplo em suas mãos*** Enquanto *Last Splash* segue seu rumo no mercado brasileiro, graças ao selo carioca Natasha, The Breeders lança um novo EP de 10 polegadas na Inglaterra. O disco traz uma versão de "Freed Pig", do grupo Sebadoh, uma cover da banda Guided By Voices e uma canção inédita composta pelas Breeders.

notas... notas... notas... notas... notas... notas... notas... notas... notas... notas... notas... notas... notas...

LUTO NO ROCK NACIONAL

Skunk, vocalista do grupo de rap-metal **Planet Hemp**, morreu no último dia 8 de junho vitimado por uma pneumonia. Tinha 26 anos. O cantor, cujo verdadeiro nome era Luiz Antônio, começou sua carreira à frente da banda de rockabilly Big Trep e depois foi para o Magic Numbers – que depois mudaria seu nome para Planet Hemp. Sem a voz carismática de Skunk, o grupo agora toca a vida com Bernardo, cantor dos Funky Fuckers.

Perda anterior a essa foi a de **Daniel Fagundes**, vocalista da banda mod curitibana **Relespública**. Daniel tinha apenas 16 anos e sabia tocar guitarra, baixo, piano, flauta e harmônica. Vítima de um acidente de carro em que mais dez pessoas (das bandas Relespública e Good-Witches) se envolveram, Daniel morreu na madrugada de 9 de maio, na capital paranaense. Os outros passam bem.

FOTO: RETNA

MORRE BAIXISTA DO HOLE

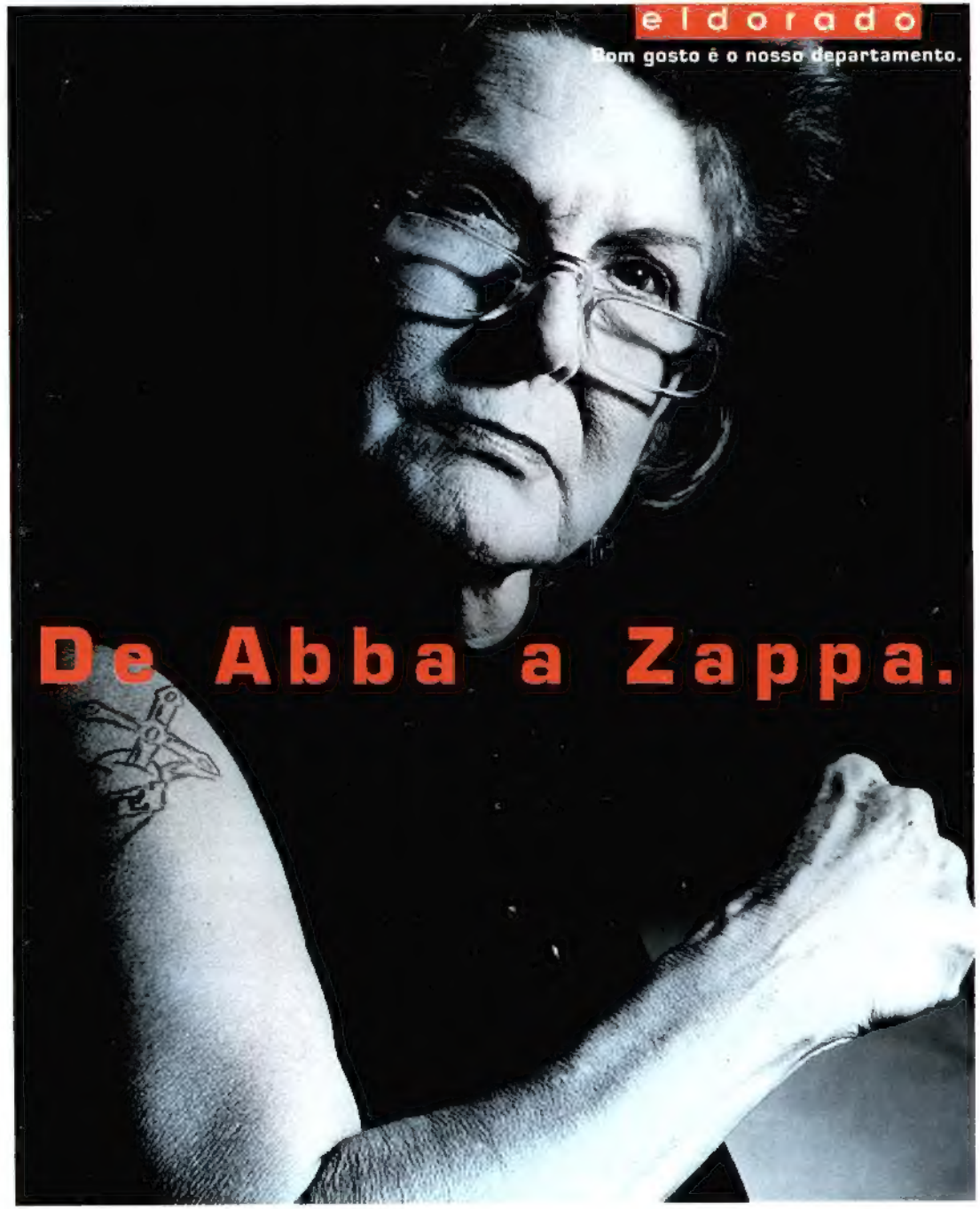
O baixo astral que rola em Seattle fez mais uma vítima. **Kristen Pfaff**, baixista do **Hole** (curiosamente o grupo de Courtney Love, a viúva de Kurt Cobain) foi encontrada morta na banheira de sua casa, em Seattle, no último dia 17 de junho. Kristen, de apenas 24 anos, estava completamente nua e ao seu lado havia seringas e utensílios usados para consumo de drogas. A Geffen, gravadora que representa o Hole, confirmou que a baixista tinha problemas com heroína e recentemente passou por um programa de reabilitação de drogados.

VOCAL DO RHETT ASSASSINADO

Quem foi metaleiro na década de 80 se lembra do Riot, uma banda americana muito cultuada entre a galera. Rhett Forrester, ex-vocalista do Riot, morreu assassinado a tiros numa rua de Atlanta, nos Estados Unidos. Forrester participou de dois dos melhores discos da banda, *Restless Breed* e *Born In America*.

Do rock ao rap. Do funk ao punk. A maior variedade de estilos, as mais diversas bandas nacionais e internacionais. Tudo separado por ordem alfabética. CD's de A a Z a preços de LP.

PLAZA
eldorado
Bom gosto é o nosso departamento.



BETTER

Vince Neil (o loiro), que antes era só abraços com Tommy Lee, foi chutado do Mötley Crüe

Bye bye, batom

É volução artística ou adesão à última moda? Essa é a pergunta que martela a cabeça dos mortais quando seus ídolos mudam da água para o vinho – ou, muitas vezes, do vinho para a água.

O MÖTLEY CRÜE é um grupo que se encaixa nesse quadro: daquele visual de "bonecas Emília" – tal era a quantidade de maquiagem usada pelos seus integrantes – a banda passou a se preocupar mais com a música e a investir no som pesado.

Para início de conversa, os caras tiraram o vocalista Vince Neil da banda – até agora, uma saída muito mal explicada – e colocaram John Corabi.

Antes desta entrevista exclusiva à BIZZ, estavam rigorosamente proibidas pela banda perguntas do tipo "por que Vince Neil saiu da banda?", "o que vocês têm feito?" e "como o cantor John Corabi foi parar no grupo?".

Sorte que Tommy Lee, o baterista do Mötley Crüe, no entanto, pareceu muito simpático e mulherengo.

De que maneira a entrada de John Corabi mudou o som do Mötley Crüe?
Tivemos que fazer algumas mudanças por causa de John. A voz dele é mais pesada, nem se compara com a de Vince Neil. Mas ele não foi o determinante. Queríamos um som mais pesado já há algum tempo. Uma banda tem que estar em eterna mutação, senão fica chata.

O que vocês acharam do fato de Bob Rock, produtor do Mötley Crüe, ter feito o último disco do Metallica, tendo até usado o mesmo som de bateria que vocês conseguiram em *Dr. Feelgood* (89), seu disco de maior sucesso?
O Metallica é uma grande banda, mas não gostava muito do som nos seus discos. O último, produzido por Rock, ficou muito bom. Quanto ao uso da minha bateria no "álbum negro", achei bem legal. Os caras do Metallica ouviram o *Dr. Feelgood* e quiseram um som igual àquele na bateria. Foi assim que "adotaram" Rock para produzir o disco deles.

Qual a imagem que você tem do Brasil? Alguma banda já te falou de como é tocar no país?
Acho que o Brasil é um país de muitas festas. A minha vida inteira sonhei em tocar na América do Sul. Os caras dos Guns N'Roses me falaram que os shows aí são inacreditáveis. Talvez façamos um show no Brasil ainda este ano.

Você ainda está casado com Heather Locklear *(atriz do seriado* Melrose)?
Estou divorciado há um ano. Era muito difícil de a gente se encontrar, e, você deve saber, quando começa a ficar muito tempo sem se ver...

Vocês sempre tiveram uma imagem de viver cercado de mulheres. Vocês ainda têm se comportado desse jeito, mesmo nesses tempos de Aids?
Não mudei em nada meu comportamento, de jeito nenhum. Continuo saindo com todas as garotas, como sempre fiz. A única diferença é a camisinha.

Vocês faziam mais sucesso entre o público feminino quando cantavam maquiados, ou depois das mudanças?
Acho que... *(parando para pensar na resposta)*, na verdade, eu não sei bem. Acho que o assédio continua sendo como antes... Bom, se você quer saber mesmo o que elas acharam, pergunte a uma delas, não para mim.

Iná Rivetas

FOTO: DIVULGAÇÃO

Agora o grupo capricha na cara de mau e segura as pontas com o vocalista John Corabi (o primeiro da esquerda para a direita)

RESULTADO DA PROMOÇÃO

Declare Seu Tesão.

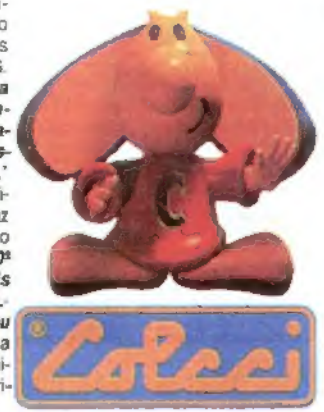
1º LUGAR - VIAGEM AOS EUA

"Estou fora de mim, com você por dentro."

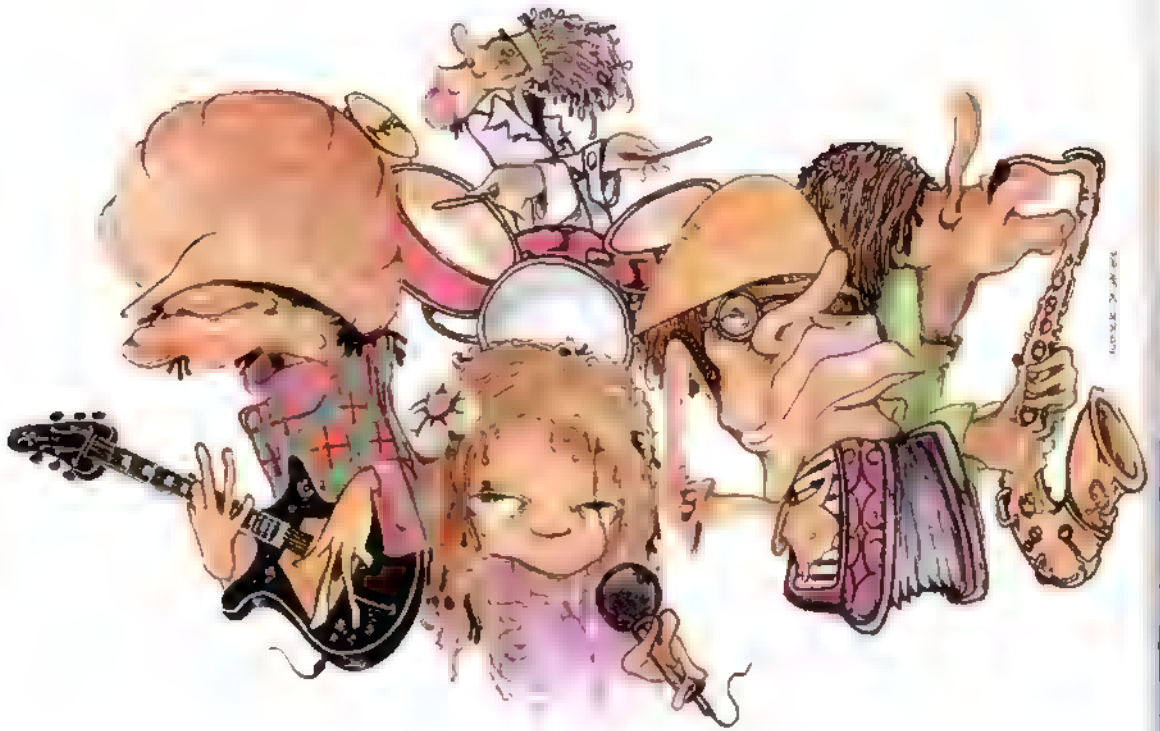
Patricia Oliveira Raposo - 22 anos / São Caetano do Sul / SP.

Os ganhadores dos 19 kits COLCCI

2º "Do delírio à exaustão, teu prazer meu tesão." Lúcia Loos dos Santos - 38 anos / Brusque / SC. ***3º "Gato, teu grito é animal, teu tato... sensual!"*** Roseli Gimenes A. Rocha - 40 anos / Barueri / SP. ***4º "Namorar é fazer do prazer uma arte."*** Anderson Silva - 17 anos / Anápolis / GO. ***5º "Entra na minha que eu mexo com você."*** Silvana Estela Soto - 25 anos / Piraju / SP. ***6º "Me esquenta me arrebenta, me chama de pipoca."*** Erika F. Lima - 18 anos / São Paulo / SP. ***7º "Uau! Sua Carícia faz Fluir todo meu tesão."*** Mima Beatriz Magalhães - 18 anos / Belo Horizonte / MG. ***8º "Você é a glicose do meu metabolismo."*** Glauciane F. da Mata - 15 anos / Campo Belo / MG. ***9º "Só tiro a minha COLCCI para vestir tua camisinha."*** Ilma F. de Morais Santos - 29 anos / Florianópolis / SC. ***10º "Declaro que COLCCInuo te amando."*** Rosângela Slobada - 33 anos / Blumenau / SC. ***11º "Apesar de vegetariana convicta adoraria comê-lo."*** Rose Midori Ogawa - 19 anos / São Paulo / SP. ***12º "Seremos felizes juntos afinal somos espermatozóides de sucesso."*** Nádya Marchette Ruiz - 14 anos / Vinhedo / SP. ***13º "Com seu tarado jeitinho sinto um tesão espertinho."*** Luciane Beatriz Celeski - 18 anos / São Bento do Sul / SC. ***14º "Você é a faísca que liga minha energia."*** Selma Lobo Dias - 45 anos / Pariquera-açu / SP. ***15º "Mais que tesão só você no meu colchão."*** Ana Amélia N. Piazza / Avaré / SP. ***16º "Dia dos namorados: amor, tesão, camisinha na mão."*** Andrea W. da Silva - 18 anos / Ananindeua / PA. ***17º "Continuo Obcecada, Louquinha para "COLCCIAR" Contigo Indefesa."*** Michele Maria - 19 anos / Sapiranga / RS. ***18º "Gosto de teorias mas prefiro você na prática."*** Andreia Arcanjo Ribeiro - 17 anos / Contagem / MG. ***19º "Proposta Indecente: Invadir sua privacidade com Instinto Selvagem."*** Anderson do Figueiredo da Cruz - 20 anos / São Paulo / SP. ***20º "Tudo é mais colorido COLCCIGO ao meu lado."*** Andrea Florane de Almeida - 11 anos / Curitiba / PR.



E Tome Forró!



Estão metendo a zabumba na tomada.
O novo forró vem de Fortaleza, ganhou sotaque de world music com guitarras, sanfona e saxofone, vendendo mais de trezentas mil cópias com a BANDA MASTRUZ COM LEITE. Em shows que não duram menos do que quatro horas, ela promete ser a próxima onda a ferver no verão brazuca

É festa! Assopram os ventos do norte que as bundinhas das brasileiras em microsaias flamulantes vão voltar a povoar os bailes, casas noturnas e até a telinha da TV. Não, não é a volta da lambada, nem a população do país vai se mudar para a praia. É a – pode rir com o nome – *öcente music*, uma espécie de "forró modernete" que vem de Fortaleza e da pinta de ser a onda do próximo verão.

A nova onda tem como característica principal misturar sanfona com saxofone e dar um tratamento de *world music* com toques pop à *la* Kaoma, que garante o ímpeto incontrolável e o convite à dança, ainda mais sexual que a lambada. O estilo é o mesmo, com corpos colados e quadris encaixados, só que com uma diferença: a lambada encaixa, enquanto o forró encaixa e aperta.

O nome que puxa toda essa "revolução sexual/musical" é o de um grupo local, **Banda Mastruz Com Leite**, que vem arrebentando no Nordeste há três anos e já começa a tocar nas rádios do "sul maravilha". A música "Meu Vaqueiro, Meu Peão" vem sendo bem executada no eixo Rio-São Paulo e alguns chefões das grandes companhias de discos já arriscam eleger o estilo como o grande sucessor do samba na mídia.

A Sony está investindo nas bandas **Feijão com Arroz**, **Forró Legal** e **Passaport**. A PolyGram tenta emplacar com o **Keijo Com Mel** (!) e a Warner tem os direitos do primeiro disco da Banda Mastruz Com Leite, *Arroxa O Nó*, um lançamento original da Continental.

Apesar de toda a euforia das grandes gravadoras, até agora nenhuma delas conseguiu levar a banda para o seu time. Segundo Emanuel Gurgel, criador do movimento e dono do selo Som Zoom – que, além da Banda Mastruz ..., tem mais sete bandas neste mesmo estilo no seu *cast* –, ele ainda não conseguiu se acertar financeiramente com as multinacionais. "Quero um contrato de cinco discos: um milhão de dólares pelos direitos dos três discos que já estão gravados e ainda mais cinqüenta centavos de dólar pela venda de cada cópia dos outros dois", explica.

A Banda Mastruz... já lançou quatro álbuns, vendeu mais de 250 mil cópias do primeiro – *Arroxa O Nó* – e mais de cinqüenta mil em apenas uma semana de loja do recém-lançado *Rock Do Sertão*.

Auto-nomeada como "a maior banda de forró do mundo", apesar de toda movimentação em torno de contratos sobre discos, o negócio da *öcente music* parece ser mesmo tocar ao vivo.

A Banda Mastruz Com Leite tem treze integrantes, os quais se revezam durante cinco horas contínuas de show. "A gente percebeu que o público dos bailes de forró esfriava, demorava para esquentar de novo se a banda parava. Por isso o revezamento. Sem falar que não se pode cortar o clima na hora H. Vamos triplicar a venda de camisinhas", brinca Emanuel.

Nas casas de forró em Fortaleza, eles passaram desapercebidos. Mas depois de tocar no Olímpia, em São Paulo (em março), com lotação esgotada, a banda invadiu a praia dos cariocas em julho, com uma temporada no Canecão, sob a direção do "global" Walter Lacet. Até o fim de agosto, os caras já têm fechados mais de oitenta shows pela bagatela de quinze mil dólares cada. *Robert Halfoun*

DISCOGRAFIA

- *Arroxa O Nó* (Continental/Warner)
- *Coisa Nossa* (Som Zoom)
- *Só Pra Xamegar* (Som Zoom)
- *Rock Do Sertão* (Som Zoom)

Onde encontrar os discos: pelo telefone (085) 295-1238

deliciosa larg ação

O grupo, ainda com Gary (o "maluco" de ponta-cabeça), o ex-baterista. Os remanescentes (a partir da esquerda) Spiral, Bob, Stephen & Mark

O Pavement conquista o mundo pop com seu som básico e desleixado

Por Fernando Naporano, de Londres

Em sua recente turnê pela Inglaterra o Pavement falou com exclusividade à BIZZ. Além de estrear o novo baterista (agora são dois), o quinteto mostrou grande apreço pelo profissionalismo e gerou maior credibilidade em seus shows graças a algumas das músicas do novo álbum, *Crooked Rain, Crooked Rain*.

O baixista Mark Ibold esteve ausente por estar arrebentado pela excursão que fizeram. E até mesmo o enigmático Stephen Malkmus (vocais/guitarra) foi se materializar apenas na metade da entrevista e, introvertidamente, se limitou a dar apenas alguns sorrisos, ficando sem responder a nenhuma pergunta.

O trabalho coube ao guitarrista e também vocalista Scott Kannberg (que é considerado por alguns como o cérebro do grupo) e aos bateristas Steve West e Bob Nastanovich.

Vale frisar que o taciturno Scott é mais conhecido como Spiral Stairs. Este codinome é devido ao fato dos seus pais terem se encontrado pela primeira vez em uma festa de casamento, onde estava tocando uma bandinha que se chamava Spiral Staircase. Ao saber disso, Scott resolveu adotar esse apelido "para se sentir sempre próximo de suas primeiras raízes".

BOB Os arranjos são feitos coletivamente. Depois de prontas, as nossas músicas ficam completamente diferentes do que eram no começo. Experimentamos os mais diversos sons. Em *Crooked Rain, Crooked Rain* há várias referências musicais, algumas delas óbvias. Isso aconteceu acidentalmente?

STEVE Isso é uma conseqüência dos discos e das músicas que andamos ouvindo nos últimos meses ou durante as gravações.

Como Buddy Holly, Lou Reed e Dave Brubeck? Bastante diferentes da época do disco anterior, *Slanted And Enchanted*, não?

SPIRAL Sim, com certeza. Naquela época estávamos numas de coisas contemporâneas, ouvindo muito punk, coisas barulhentas...

O novo álbum é muito mais pop, mais bem tocado e mais "sério"? Vocês concordam? Isso foi para atingir um mercado maior ou "aconteceu naturalmente"?

STEVE O novo disco é mais pop e melhor arranjado, mas não é sério de jeito nenhum. Somos frívolos e desleixados.

BOB Talvez pelo jeito que as canções foram gravadas pode parecer que nós tentávamos ampliar o mercado, mas não é nada disso. Uma canção pop soa melhor que uma barulhenta.

"*Crooked Rain* é pop mas não é sério de jeito nenhum. Somos frívolos e desleixados." Steve West

No encarte do novo álbum está escrito: "produzido por ninguém". Quem seria esse "ninguém"? Quem de fato produziu vocês?

SPIRAL O engenheiro cuidava da mesa e nós íamos mexendo e alterando o som de acordo com nossas predileções. Escolhemos os efeitos e os planos que combinavam com as novas músicas, sem grandes cuidados.

BOB O álbum foi produzido pelo Pavement, mas como foi feito assim tão à vontade, não achamos necessário mencionar nada sobre a produção. Gravamos vinte músicas. Fizemos outras dez, todas gravadas uns quatro meses atrás, quando ainda estávamos com o Gary *(Young, o ex-baterista que foi substituído por Steve West)* na banda. Escolher foi simples. Nós temos ótimas relações e fizemos uma votação democrática do que deveria entrar no álbum.

Essas vinte músicas foram gravadas e mixadas no período de três semanas?

STEVE Sim, três semanas foram suficientes, um bom tempinho, não?

Como é o processo de composição de vocês? Como começa cada música?

SPIRAL Tudo, praticamente tudo, começa com *riffs* de guitarra. Eu e o Stephen criamos os *riffs*, depois alguém cria uma batida e aí vai... As letras são sempre a última coisa. Depois que as melodias e todo o resto está pronto é que o Stephen ou eu escrevemos alguma coisa.

O que mudou desde a saída do maluco do Gary, o ex-baterista? Ele foi "convidado" a sair da banda por vocês? Qual era a relação da banda com a figura?

BOB Ele sempre foi louco. Muito ácido, muito álcool... A coisa piorou quando a imprensa inglesa deu muita atenção a ele. Isso o deixou mais alucinado e seu ego foi crescendo cada vez mais. Ele entrou na banda porque ficamos amigos dele no começo. Ele tem um estúdio, que se chama Louder Than You Think. E foi lá que gravamos quase todo nosso material. Não precisávamos nos importar com gastos pois afinal ele era da banda...

Então era mais uma questão de interesse?

BOB Bem... por um lado sim, mas ele foi muito importante para o grupo. Trata-se de um tremendo baterista, mas o problema é que ao vivo ele não se preocupava em tocar direito. Estamos mais livres para tocar agora. Podemos nos preocupar mais com a música. **E o próximo passo? Vocês vão continuar no selo independente Matador *(distribuído no Brasil pela gravadora carioca Natasha)* ou irão assinar com uma multinacional?**

BOB A nossa situação com o selo Matador é muito boa, muito confortável. Nós fazemos e gravamos o que bem entendemos e mesmo a distribuição dos discos é boa. Não é nossa preocupação assinar com uma multinacional.

Das Profundezas Do Mangue

Mundo Livre S/A (no sentido horário, a partir do alto): Fábio, Otto, Fred 04, Tony & Bactéria

Direto de Recife: samba, rock e funk na lama sonora do MUNDO LIVRE S/A

Muita gente não conhece o significado do rótulo "rock Brasil". A expressão foi cunhada para designar o "movimento" que tomou conta da cena nacional nos anos 80, englobando da Blitz ao Fellini, dos Titãs aos Picassos Falsos. Um balaio de gatos, claro, mas isso não vem ao caso.

O ano é 84, Recife. Nosso herói, Fred 04 Montenegro, toca guitarra na banda punk Câmbio Negro. A incipiente cena da cidade que ainda não havia descoberto a new wave o leva a... "desistir? Desistir, não... Não se deixa de ser anarquista. Simplesmente a gente adota uma postura cínica." Do "cinismo" de Fred nasceu o Mundo Livre S/A.

Fã assumidíssimo de Jorge Ben ("ele é uma entidade para mim"), Fred queria fazer "samba cerebral". Em 84, em plena Recife. "Era como ter a banda certa no lugar errado, na hora errada." Mas... e se alguma gravadora tivesse descoberto vocês naquela época? "Seríamos apenas mais uma banda estranha do rock Brasil", diz o vocalista/compositor/guitarrista.

Resultado: o nosso herói e sua trupe mutante (a formação do grupo mudou várias vezes) passaram quase dez anos escondidos. Fred que conta: "Os nossos instrumentos eram caseiros. Fazíamos show de quando em quando, pois não tínhamos (ainda não temos) grana para estúdio." Demos? "Nenhuma." Receita de persistência? "Sei lá. É difícil parar quando outras bandas tocam as tuas músicas, quando os fãs pedem shows. Se subo no palco, é por necessidade minha, por vontade de ser reconhecido, interferir na sociedade e na política, também."

Inventando a mangue beat

Ano: 91. Uma galera "sem grana e cansada de apenas consumir cultura e informações vindas de fora" se junta para "se divertir." Fred, seus amigos Renato e Chico (hoje Science) inventam o mangue beat: "Originalmente, o movimento era uma cooperativa cultural. Nós fazíamos festas, programas de rádio, shows, etc. Nunca foi 'mangue beat': não existe uma batida comum". Quem diz isso é o maior culpado" pela disseminação do vírus: foi a partir de "Mangue Bit", tema do Mundo Livre S/A e de um manifesto redigido por Fred que esse monstro foi construído. Caranguejos com cérebro, parabólicas enfiadas na lama: quase todo o arcabouço estético do mangue vem da cabeça desse jornalista formado. 32 anos. Seria um visionário educado no Colégio Militar? "Fiz a versão original de 'Rios, Pontes E Overdrives' (Chico Science gravou outra versão em *Da Lama Ao Caos*, seu disco de estréia) em 84. Aos 12 anos, tirava nota boa e ganhava discos de presente. Foi então que ganhei meu som de cabeceira: *A Tábua De Esmeraldas*, de Jorge Ben."

Desdentados por opção

Ano: 93. O mangue é o *talk of the town* em Recife. Bandas proliferam. A MTV põe a mangue beat no ar. Com três shows no "sudeste maravilha", Chico Science & Nação Zumbi e o Mundo Livre S/A já assombram as gravadoras. Fred e seus comparsas – Fábio (vulgo Goró, baixo), Tony (bateria), Bactéria (vulgo Jadson, teclados) e Otto (percussão) – escolhem. Banguela. Ele explica: "O Banguela é legal pois é grande e pequeno ao mesmo tempo. A banda tem divulgação, mas não é obrigada a vender milhões de discos."

Estamos no estúdio Be Bop, a sede informal do selo, ouvindo as guitarras de algumas das treze músicas que vão entrar em *Samba Esquema Noise*, o álbum de estréia do Mundo Livre S/A. *Samba...* é resultado da parceria entre "uma banda inexperiente que sabe o que quer" e dois produtores (o titã Charles Gavin e Carlos Eduardo Miranda) "que às vezes não entendem como nossa música pode ser tão mal-comportada em termos de teoria musical, mas que têm muita boa vontade."

Apelidado por Miranda de "segundo *Sgt. Peppers*" por causa dos altos níveis de "doideira" (as gravações atrasaram mais de um mês), *Samba...* conta ainda com a presença de nomes tão díspares quanto o do percussionista Naná Vasconcelos e de Simone (a guitarrista do P.U.S.). Aliás, a lista de admiradores do samba/rock/funk inteligente desses recifenses não para de crescer: Paulo Miklos e Nando Reis já convidaram Fred para parcerias.

Comento que o grau de bajulação em torno do grupo faz parecer que nosso herói é o gênio tardiamente descoberto da MPopB. Fred sorri humilde. "Não sei... Talvez demore um tempinho até nos entenderem. Aqui no Brasil, vender discos depende de tudo. Até do plano FHC." *Samba Esquema Noise* chega às lojas no mês que vem. GABRIELA DIAS

Chrissie (a terceira da esquerda para a direita) **e seus novos escudeiros: Andy Hobson e Adam Seymour, além do velho chapa Martin Chambers**

Chrissie Hynde

a eterna "finy idora"

Quatro anos depois de lançar o álbum *Packed!*, a líder dos PRETENDERS ressuscita o grupo e promete cair na estrada

POR ANAMARIA LEMOS

Chrissie Hynde está..."elétrica" Andando de um lado para o outro no quarto de hotel, sua frase predileta parece ser: "Eu tenho uma banda!" Há quatro anos os Pretenders lançavam *Packed!*, um disco que Chrissie declarou ser "... apenas dez musiquinhas pop". Depois... silêncio. "Mal posso esperar para subir num palco", diz uma Chrissie diferente, com o espírito roqueiro restaurado.

O silêncio não foi total: nestes últimos anos ela apareceu aqui e ali, cantando numa faixa do último disco do INXS, gravando com o falecido Mick Ronson (ex-guitarrista de David Bowie), ou num show do Suede para uma versão de "Brass In Pocket"

Mas foi a banda americana Urge Overkill – com quem ela gravou "Superstar", hit dos Carpenters – que iniciou sua volta aos Pretenders. De medalhão com as iniciais U.O em volta do pescoço, ela fala desse grupo de Chicago com admiração e entusiasmo: Chrissie redescobriu o rock'n roll

"Um dia percebi que estava sentindo a falta do Martin *(Chambers, baterista original dos Pretenders)* e telefonei para ele. Foi um momento maravilhoso. Eu tenho uma banda e o mundo agora parece ser um lugar feliz para mim" Chrissie declara, rindo.

Além de Chambers, o grupo inclui o ex-guitarrista do Katydids, Adam Seymour, e o ex-baixista dos Primitives, Andy Hobson (embora o baixo ouvido em grande parte do novo disco do grupo seja o do ex-The Smiths Andy Rourke). *Last Of The Independents* é o resultado deste renascimento: produzido por Ian Stanley (Tears For Fears, Lloyd Cole), e com algumas faixas trabalhadas por Chris Thomas e Stephen Street, afinal este é o disco que seu decepcionante antecessor não foi. Começando com o irresistível tema "Hollywood Perfume", passando pelo gospel de "I'll Stand By You" e fechando através da leveza de "Forever Young", *Last...* tem um som "quente" e, acima de tudo, sensual Como a voz de *la* Hynde. "Para mim, rock tem que ser sexy. Senão vira folk!"

Seus planos de compor com o ex-The Smiths Johnny Marr (que fez uma das músicas de *Packed!* e veio ao Brasil em 88 como guitarrista dos Pretenders) foram esquecidos; desta vez, Chrissie aceitou a sugestão de um amigo e foi para Los Angeles escrever com Tom Kelly e Billy Steinberg, compositores profissionais. "Nunca havia feito uma coisa dessas antes", Chrissie exclama, parecendo ainda meio escandalizada com a idéia. "Mas queria pelos menos uma música bem comercial neste disco; queria algo que as rádios tocassem, para que pudéssemos sair fazendo turnês. No final, acabei adorando a experiência, fizemos cinco músicas!".

A escolhida para "financiar" a volta foi "I'll Stand By You", com participação do London Gospel Community Choir

Quem se lembra de Hynde dos tempos de militância verde (e suas declarações bombásticas contra o McDonald's) vai ficar feliz de saber que seus princípios continuam os mesmos, mas com uma atitude diferente: na faixa "Revolution", a frase "I wanna die for something" parece ser cantada com sutil ironia. "Hoje só leio os jornais de música", diz Hynde. "A única coisa que me interessa é o meio-ambiente, mas nenhum jornal 'sério' fala disso. Então, só leio sobre música, que é mais divertido."

Da última vez que nos encontramos, Chrissie se recusou a falar do assunto "mulheres no rock". Mas desde então, muita coisa aconteceu: o movimento *riot grrrl*, mais atenção da imprensa e uma verdadeira explosão dos grupos femininos... "*riot grrrl* é uma fabricação da mídia" acusa Hynde, que serviu e serve ainda de modelo para roqueiras no mundo todo. "Eu ainda continuo esperando aparecer a versão feminina de Jimi Hendrix! Aí sim..." Chrissie Hynde, a exceção, adoraria ser a regra.

manifesto mtv

O espaço para a nova música, as últimas propostas de todas as tendências. A música de amanhã. Agora, Manifesto MTV. Com Fábio Massari. Segunda a sexta, 00:30 e 13:00. Na MTV.

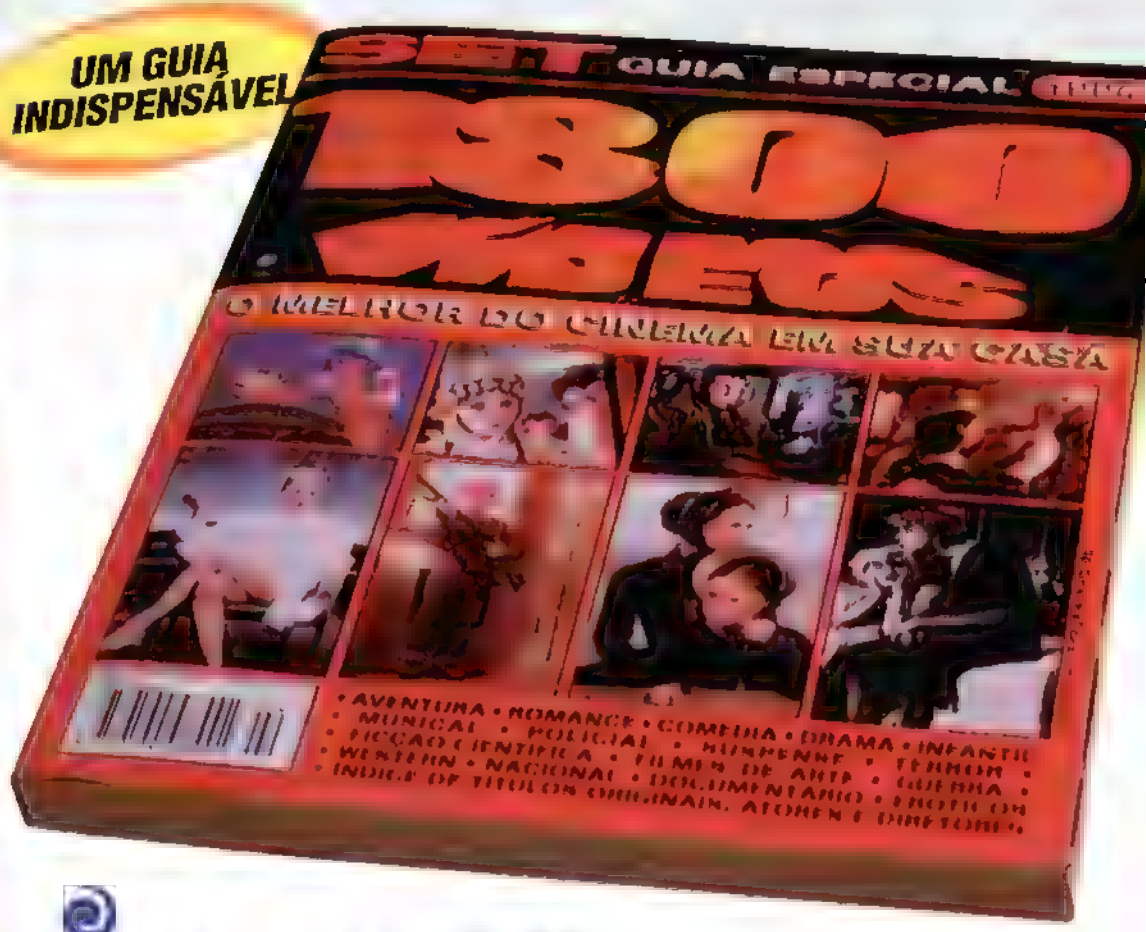
MANIFESTO

atv brasil 94

O melhor do cinema em sua casa.

A melhor seleção de vídeos, em todos os gêneros, para você consultar o ano inteiro.

UM GUIA INDISPENSÁVEL



EDITORA AZUL

NAS BANCAS

O lado claro da lua

Há 25 anos, dois astronautas americanos caminhavam pela primeira vez em solo lunar. Enquanto isso, estava prestes a acontecer Woodstock, o festival de rock que mudaria conceitos e tabus. A partir daquele momento, a humanidade nunca mais seria a mesma

Em 20 de julho de 69, o homem deu o passo mais importante (do ponto de vista histórico) e sensacional (pela cobertura de mídia) na conquista do cosmos, ao descer na lua.

Esse foi o acontecimento histórico mais impactante desde o passeio do primeiro cosmonauta – o soviético Yuri Gagarin – pela estratosfera, no início dos anos 60, quando pela primeira vez o homem olhou a Terra "de fora", de uma outra perspectiva e soube que ela era azul – o que deixava todos nós simbolicamente iguais. Não éramos brancos, pretos ou amarelos e também não tínhamos "cor política". Nossa cor definitiva, única e verdadeira, era azul.

Ponto para o realismo-socialista de Gagarin, que disse ainda a frase de fino humor materialista: "Estive no céu e não vi Deus".

A cápsula Apolo 11, impulsionada pelo foguete Saturno 5 fez a sua viagem de oitocentos mil quilômetros – ida e volta – para a lua, onde Neil Armstrong e Edwin Aldrin caminharam pela superfície do satélite, fato testemunhado por milhões de pessoas, com a transmissão pela TV. Um deslumbrante espetáculo, acontecido numa década profundamente marcada por mudanças e eventos revolucionários.

Era natural que a conquista da lua se refletisse na sociedade que assistiu a esse salto histórico.

Os meios de comunicação foram tomados pelo acontecimento, desde a publicidade até as mais variadas formas de arte. Até nos títulos dos hits musicais da época podiam ser detectados

A psicodelia de Jimi Hendrix (centro), característica do rock dos 70, contrastava com o massacre da guerra do Vietnã

Neil Armstrong em solo lunar (acima) e os campos de Bethel ao fim de Woodstock: qualquer semelhança é mera coincidência

Ao centro Pelé (quem diria!), posa de astronauta em plena "lua mania"

sinais da grande conquista – vide "Bad Moon Rising" (Creedence Clearwater Revival) "In The Year Of 2525" (Zager And Evans) e "Something In The Air" (Thunderclap Newman) entre outras canções.

Mas enquanto olhávamos para o futuro e o espaço, voltávamos sintomaticamente para a mãe Terra para a natureza E pela primeira vez – nos começávamos a refletir sobre a simplicidade de todas as relações humanas. Assim um mês depois da conquista da lua a revolução sexual política e dos costumes já estavam em marcha E se cruzaram no festival de Woodstock, onde mais de quatrocentas mil pessoas viveram a utopia de um mundo em paz, baseado em igualdade, amor livre e liberdade total.

Surgia a possibilidade de se viver sem estar submetido à camisa de força do sistema de preconceitos e proibições Desmistificou-se o uso de drogas, que se integraram ao cotidiano de uma sociedade alternativa. Essas tantas transformações nos prepararam para os anos 70, uma década de reconstrução.

O Brasil pegou carona em todos os eventos e rebarbas revolucionarias dos anos 60, mas com seu jeito inconseqüente e avesso: a fatalidade já nos acompanhava e tudo acabou dando em desastre e farsa. O atraso tecnológico no qual estávamos – e ainda estamos – mergulhados piorou de maneira drástica. Enquanto o mundo desenvolvido se abria para uma nova era, nosso país se fechava em seu pequeno universo estreito e ditatorial

FARSA TROPICÁLIA

O movimento musical brasileiro da época – o tropicalismo – deixou sua triste herança. Tudo o que a MPB tinha de pior (e que achávamos ter superado) foi resgatado pelos tropicalistas: do samba-canção ao regionalismo atrasado, da estética cafajeste de bordel a cafonilha dos vozeirões e todos aqueles versos parnasianos

O passado horroroso da MPB que a bossa nova – bem ou mal – tinha conseguido apagar, foi ressuscitado e até hoje solapa o nosso *showbiz*. Que ainda está aí paradão, deslumbrado e novo-rico.

GRITO DA RUA

SURF!

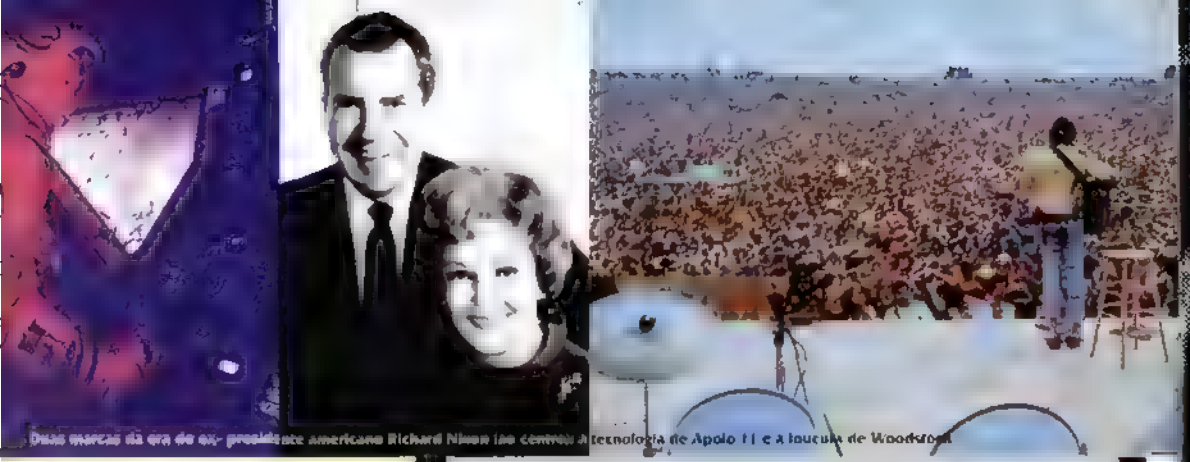
AÇÃO WHEELING
malabarismos em motocicletas

CANOAGEM

BIKE

PARAGLIDING

SEJA QUAL FOR A SUA,
PLANEJE SUA PRÓXIMA AVENTURA CONOSCO!
LANÇAMENTOS DE PRODUTOS,
CAMPEONATOS, EVENTOS
LIGUE PARA A GENTE!
TEL.: 872.0624
VÍDEO BRASILEIRO



Duas marcas da era do ex-presidente americano Richard Nixon: os centros de tecnologia de Apolo 11 e a fauceira de Woodstock

Sem renovação há décadas, a MPB só tem a oferecer os mesmos ídolos dos anos 60. Ou seja, a baianada velha e assanhada, "Olhos Verdes", "Babulina" e "Robertão", quase sexagenários. Nos anos 70, tivemos o libertário movimento feminista e a consciência ecológica. George McGovern perdeu feio à eleição para Richard Nixon, mas seu programa de governo tinha uma proposta ecológica capaz de escandalizar o mais "verde" assessor de Bill Clinton. A guerra do Vietnã – um dos cavalos de batalha da contracultura – se acabou.

RECONSTRUÇÃO, CINISMO, MORALISMO

Musicalmente, foi uma década interessante, com a internacionalização do pop, megashows, disco music, desdobramento do rock/pop em várias tendências, volta ao básico etc. Depois de dez anos de reconstrução, chegamos aos cínicos anos 80, voltados para o consumo e abrindo caminho para a era yuppie. A grande revolução veio mesmo com a queda do muro de Berlim e a derrocada da União Soviética. Quanto à música, poquíssimas coisas da década de 80 irão ficar. Quem viver, verá...

Ao acabarem as diferenças ideológicas entre as potências do Primeiro Mundo, o processo histórico se acelerou. Com isso, em meados dos anos 90, parece já estar acionada a contagem regressiva que nos colocará no terceiro milênio. Ninguém poderia prever que a África do Sul elegeria seu primeiro presidente negro antes dos Estados Unidos.

Mas as gerações se contestam e hoje aparecem adolescentes retomando valores que os seus pais já julgavam estarem ultrapassados – tais como a virgindade, a relação monogâmica e a família tradicional.

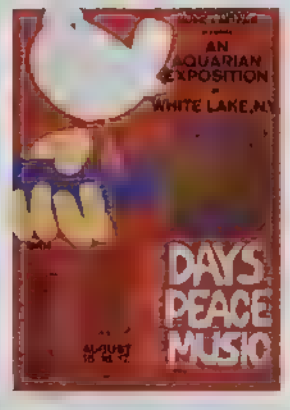
Quando se completa um quarto de século desde a conquista da lua, é inegável que começamos a atravessar uma nova fase conservadora e de profundo moralismo. Será para o bem ou para o mal? *René Serri*

APÓS UM QUARTO DE SÉCULO: PAZ E AMOR?

Os hippies "das antigas" vão sacudir as cabeças grisalhas, incrédulos. **WOODSTOCK**, o festival que fez história em 69 trazendo três dias de "paz, amor e música", vai ganhar uma nova versão em agosto. O evento – batizado de **WOODSTOCK '94** – está sendo organizado pela PolyGram e por outras multinacionais, que vão faturar milhões usando um nome que um dia já foi sinônimo de contracultura e de rebeldia. Abaixo, uma tabela comparativa entre os dois festivais e as lembranças de três veteranos do evento original.

WOODSTOCK '69

Local Bethel, Nova York.
Duração Três dias (15 a 17 de agosto de 69).
Público Cerca de quatrocentas mil pessoas.
Participantes The Jimi Hendrix Experience, Janis Joplin, The Who, Santana, Richie Havens, Jefferson Airplane, Grateful Dead, Crosby, Stills, Nash And Young, Creedence Clearwater Revival, The Band, Ten Years After, Joe Cocker, Country Joe And The Fish, Ravi Shankar, entre outros.
Preço do ingresso por dia Sete dólares.
Custo do evento Cerca de três milhões de dólares.
Maior cachê de um artista Quinze mil dólares.
Medidas de segurança Poucas. Não havia grades, nem policiais e além disso a maioria do público nem pagou para entrar.
O que se encontrava no gramado Um monte de cigarros de maconha.



WOODSTOCK '94

Local Saugerties, Nova York.
Duração Dois dias (13 e 14 de agosto de 94).
Público estimado cerca de 250 mil pessoas.
Participantes Metallica, Aerosmith, Peter Gabriel, The Allman Brothers Band, Johnny Cash, Red Hot Chili Peppers, Arrested Development, Nine Inch Nails, Porno For Pyros, Spin Doctors, Cypress Hill, Melissa Etheridge, The Neville Brothers, Jimmy Cliff, Santana e Crosby, Stills And Nash (sem Young).
Preço do ingresso por dia Setenta dólares.
Custo do evento Vinte milhões de dólares.
Maior cachê de um artista 350 mil dólares.
Medidas de segurança Haverá uma grade de dois metros e meio em volta do local. A polícia usará detectores de metal para evitar que entrem armas.
O que se encontrará no gramado Caixas automáticos para retirada de dinheiro.

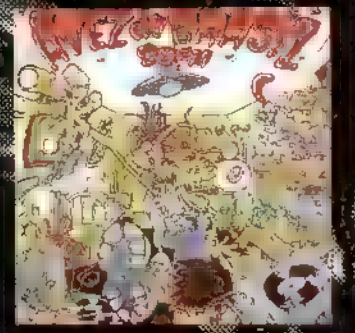
MEMÓRIAS DE WOODSTOCK '69

SANTANA "Eu estava chapado de mescalina e não me lembro de quase nada do nosso show. Só me lembro que havia um puta engarrafamento de uns trinta quilômetros para chegar até o local do show."

RICHIE HAVENS "Fui o primeiro a tocar, e tive que cantar por mais três horas, porque as bandas que deveriam vir depois de mim se atrasaram. Tive que voltar sete vezes para o bis. Foi uma bagunça!"

ALVIN LEE "Fui para o show de helicóptero, e dava para sentir o cheiro de maconha lá de cima. Nosso show atrasou e eu resolvi dar uma volta entre o público. Estava todo mundo tão chapado que ninguém me reconheceu, e as pessoas me deram ácido, maconha e bebida. Foi legal!" *Ariovaldo Bueno*

ROCK BRASIL



NOVO ROCK BRASIL: COM OS BANDS PIT BULLS ON CRACK, PUP MONSTERS, LITTLE QUAIL AND THE MAD DOGS, NEANDERTHAL e GRAFORRÉIA XILARMÔNICA

TRASH DO CERRADO

PUNK ROCK 'N' ROLL

HARDCORE

MONSTER ROCK

TRASH SUPER SÔNICA

MEXAN HARD ROCK

THE BEST ALTERNATIVE

AS PEDRAS NA ESTRADA DO ROCK

O mais moço deles tem 47 anos. Os cabelos do baterista – um senhor frágil, sempre metido em ternos bem cortados – são cor de prata. O guitarrista tem rugas até nos cotovelos. Eles podiam ser seus pais ou, dependendo de sua idade, seus avós... Mas, toda vez que os ROLLING STONES ressurgem, o mundo estremece nas bases

"Nada sacode o rock mais do que uma turnê dos Rolling Stones", vibrou um jornalista americano. E com razão: mais que qualquer outro artista de rock, o grupo é capaz de atrair para si todas as atenções e movimentar monumentais quantias em dinheiro.

No que os quatro remanescentes da banda desembarcaram de um iate num porto de Nova York, em maio, para anunciar o lançamento de seu 38° álbum (contando compilações), *Voodoo Lounge*, além do início (no primeiro dia de agosto) de uma nova turnê – que finalmente levará a banda ao Brasil, para shows em fevereiro –, fãs, jornalistas, radialistas e toda a indústria de rock, em geral, se contaminaram da curiosidade que só começará a ser saciada com a chegada às lojas e às rádios de "Love Is Strong", o primeiro single do álbum. E com os primeiros acordes do show que abre a excursão, em Washington, D.C.

Até agora, apenas vinte shows da turnê – sempre para platéias médias de 75 mil pessoas – foram divulgados. Essa primeira fase termina com dois shows, dias 19 e 20 de outubro, no Rose Bowl, em Pasadena, com as participações especiais dos Red Hot Chili Peppers e de Buddy Guy. Outros shows serão anunciados aos poucos.

O Brasil já figurou antes nos planos dos Rolling Stones. A mais "confirmada" delas foi em 75, quando apresentações no Rio, em São Paulo e em Caracas, na Venezuela, haviam sido marcadas para encerrar a *Tour Of The Americas* daquele ano. O cartaz com as datas dos shows chegou a ser erguido em Times Square, no coração de Manhattan.

O programa da turnê continha a mesma informação mas, no final das contas, a excursão parou na cidade de Jacksonville, Flórida.

Voodoo Lounge: o primeiro "filho" do contrato com a Virgin, de cerca de cinqüenta milhões de dólares por três discos

Ron Wood, Mick Jagger, Charlie Watts & Keith Richards: de volta à ativa sem Bill Wyman

No momento em que este texto está sendo escrito, eles estão escolhendo tudo ligado à turnê: do cenário ao guarda-roupa, das fotos de divulgação ao *design* do programa da excursão, passando pelo material de merchandising. Estão sendo apresentadas à banda sugestões para o visual das camisetas, dos chaveiros, dos bonés, dos moletons e das jaquetas com o logotipo da língua e da excursão que serão vendidos em cada parada da turnê.

Pelo menos a parte americana da turnê será pano de fundo de um documentário ficcionalizado que o jovem diretor Ben Stiller (consagrado em Hollywood no início do ano, graças a seu *Reality Bites*, estrelado por Winona Ryder e Ethan Hawke) fará, com financiamento e distribuição da produtora Universal. O filme, de longa-metragem, enfocará os shows e os bastidores da excursão do ponto-de-vista de dois fãs (o próprio Stiller, também ator, mais Brad Pitt) que tentam de tudo para penetrar nos bastidores e encontrar a banda.

Se hoje existe alguém especialmente interessado no desempenho de *Voodoo Lounge*, num mundo que não convive com os Rolling Stones desde 91, esse alguém chama-se Virgin, a nova gravadora da banda. Para comprar o passe deles por apenas três novos álbuns, a Virgin pagou um adiantamento próximo de cinqüenta milhões de dólares, dos quais a banda só precisaria devolver, em caso de vendas fracas, o que foi gasto na produção de um deles (provavelmente *Voodoo Lounge*).

Se as vendas, daqui para frente, não recuperarem o investimento feito pela gravadora, pior para a Virgin. Segundo o contrato, os Stones podem até ficar sem gravar daqui para a frente.

E então, *Voodoo Lounge* teria sido seu canto do cisne. — *José Emilio Rondeau*

A turnê do grupo, além de chegar ao Brasil pela primeira vez, ainda vai render um filme estrelado por Brad Pitt

ROLLING STONES

Axl Rose e Mick Jagger, dividindo a dibaka durante a turnê de Steel Wheels, em 89

Brasil é prioridade na estratégia de marketing da banda

A maior banda de rock do mundo volta ao disco depois de quatro anos inativa • O grupo resolve colocar o pé na estrada e anuncia uma nova turnê mundial • É cancelado o contrato com a Sony e agora o grupo passa a ser distribuído pela Virgin • A música "Love Is Strong" foi ouvida ao mesmo tempo no mundo todo no dia 21 de junho, inclusive no Brasil (a rádio Transamérica entrou *on line* com ela às oito da noite).

Por mais incrível que possa parecer, toda essa efervescência no mundo do rock tem muito a ver com o Brasil. Os Rolling Stones estão de volta, com a estratégia básica de investir pesado nos mercados asiático e latino. E o Brasil é o alvo chave desse programa. *Voodoo Lounge* está nas lojas de discos de todo o planeta desde o dia 12 deste mês e para a EMI-Odeon, representante da Virgin no Brasil, essa história foi um capítulo à parte. Dos países fora da Europa e da América do Norte, o Brasil foi o único que teve a autorização direta da banda para fabricar os discos de vinil e os CDs antecipadamente, para colocá-lo a tempo nas lojas no dia do lançamento mundial como produto nacional. Segundo a gravadora, isso exigiu um esquema de transporte da matriz e distribuição dos CDs digno das maiores operações financeiras do mundo. Em carro forte, com os horários rigidamente cronometrados, a matriz de *Voodoo Lounge* chegou ao Brasil, foi entregue às autoridades competentes e, depois dos discos serem fabricados, foram distribuídos por aqui com o cuidado para que fosse possível encontrá-lo ao mesmo tempo tanto nas lojas mais badaladas do eixo Rio-São Paulo, como numa loja de departamentos no Norte do país assim que abrissem na manhã do dia 12. Mas as regalias não pára por aí. Já está anunciada a vinda da banda ao país em janeiro ou fevereiro, para fazer uma noite especial no Hollywood Rock. Já estão nas lojas, desde o final de junho, as únicas mil cópias reservadas para o mercado brasileiro dos oito relançamentos das *Special Series*, supervisionadas diretamente pela banda. Além das caixinhas diferenciadas e patenteadas pela Virgin, outras frescurinhas para tirar qualquer colecionador do sério. Essa foi a maneira que a gravadora encontrou para dar um sacolejo na mídia antes de *Voodoo Lounge* chegar ao Brasil. Antes disso, em fevereiro deste ano, a EMI-Odeon colocou no mercado a coletânea *Jumpback...* e não avisou a ninguém que esse disco se tornaria uma raridade no Brasil. Só foram produzidas 25 mil cópias que foram devoradas em cerca de 45 dias nas lojas e depois saíram definitivamente de catálogo. Para *Voodoo Lounge*, a previsão da *major* é de que cinqüenta mil discos sejam vendidos nos dois primeiros meses e a mesma quantidade até o final do ano, quando as atenções da mídia estarão totalmente voltadas para os Rolling Stones, com a vinda deles ao Brasil.

Robert Halfoun

Don Was: o homem que redescobriu o rock dos Stones

"Estava conversando com Keith faz umas três semanas, e ele me falou de um papo que teve com John Lennon". Sentado no escritório de sua casa em North Hollywood, município da grande Los Angeles, o baixista Don Was está rememorando um intervalo das gravações de *Voodoo Lounge*, que ele produziu. "Eles – Keith e John – concordavam a respeito de uma semana em 1956, na Inglaterra, quando de repente as rádios começaram a tocar Little Richard e Elvis Presley. E lá estava o rock'n'roll, surgido do nada! Aquele era um período preto e branco que perdurava por décadas. Mas com o rock no rádio e vários clubinhos afinando aqui e ali, de repente a vida deles passou a ser em *technicolor*."

Ed Sullivan Show

Quando se encontrou pela primeira vez com Keith, para começar os trabalhos de *Voodoo Lounge*, foi a vez de Don Was dar seu testemunho de renascimento. "Eu disse a Keith 'quando eu vi vocês e os Beatles no Ed Sullivan Show, quando eu ouvi Bob Dylan pela primeira vez, a minha reação foi a mesma'. E ele respondeu 'Mas é claro. O barato todo é passar isso adiante. Se você tiver algum motivo para lembrar de qualquer um desses músicos, é o fato de que eles passaram isso adiante'."

A colaboração de Was com os Stones, ao mesmo tempo que foi definitiva, por regastar a veia rock n' roll da banda, foi repentina e inesperada. "Eu já havia encontrado Mick Jagger um par de vezes", lembra Don, "até cheguei a conversar com ele sobre a possibilidade de produzir esse álbum solo mais recente (*Wandering Spirit*). Mas fiquei surpreso quando ele ligou me convidando para produzir *Voodoo Lounge*. Até agora não entendi muito bem por que me escolheram. Mas fui a escolha deles."

"Meu único temor", continua Don, "era que eu não queria fazer um disco de Rolling Stones que fosse ruim. Com pessoas assim você tem que criar algo integro. Eu não sabia como andava a cabeça deles, qual era o estado de espírito dos caras, nem o que eles esperavam desse trabalho – será que eles estavam apenas se desincumbindo de mais um disco ou estavam levando a sério?" A surpresa que Don teve no estúdio foi 100% positiva. "Eles são mestres do idioma rock'n'roll, da mesma forma que Howlin' Wolf é um mestre do idioma blues."

O Velho fã

Momentaneamente Don perde a compostura e vira um fã. "*They're fucking great, man!* E eles continuam a evoluir."

"Já são seis meses desde que começamos a trabalhar nesse disco, e não há uma única noite no estúdio em que eu não fico deslumbrado. E para ser sincero com você, se eu quero fazer meu trabalho de produção direito, melhor não olhar para eles enquanto eles tocam. Se eu olho para o que está acontecendo na minha frente, volto a ser um garoto de 12 anos assistindo ao *Ed Sullivan Show*. Eu tenho que fechar os olhos e ser objetivo."

Was considera *Voodoo Lounge* o melhor disco dos Stones em muitos anos, baseado no material – Jagger e Richards compuseram 75 músicas, das quais 30 foram gravadas; dessas, apenas 15 acabaram incluídas no disco. "Acho que esse disco tem canções muito melhores que as de *Steel Wheels* (89). E a textura está costurada de maneira mais intrincada. É um disco de banda."

"Em termos de som", ele conclui, "é um disco bem mais próximo de *Exile On Main Street* (72) do que de *Steel Wheels*. É bem menos bombástico".

J.E.R.

ROLLING STONES

Quem diria que esse menino tímido abalaria as estruturas do rock?

As primeiras datas da nova turnê

- Washington - 01/08
- Raleigh - 05/08
- Birmingham - 08/08
- Nova York - 12 a 14/08
- Toronto - 19 e 20/08
- Madison - 26/08
- Cleveland - 28/08
- Boston - 04/09
- East Lansing - 09/09
- Chicago - 11/09
- Columbia - 18 e 25/09
- Pittsburgh - 30/09
- Pasadena - 19 e 20/10

Steven Tyler (Aerosmith), Rod Stewart (The Faces), Chris Robinson (Black Crowes)... O que seria dos vocalistas de rock'n'roll sem mr. Jagger

Grupo assume a velhice

Crítica Voodoo Lounge

Em *Voodoo Lounge* os Stones começam a solidificar uma transformação iniciada em 85, com *Dirty Work*. Eles vêm abandonando a postura de termos delinqüentes juvenis para assumir a meia-idade com toda a sua complexidade e vantagens.

Hoje, a música dos Stones é mais agridoce, mais reflexiva e, em muitos sentidos, mais – nos atrevemos dizê-lo? – profunda. Não mais *apenas* rock'n'roll, mas, sim, uma combinação rica de estilos e cicatrizes acumulados ao longo de três movimentadas décadas, atingida somente pelos Rolling Stones por serem eles a única banda a se manter viva e ativa por tanto tempo.

Voodoo Lounge traz o som de gigantes se divertindo pela primeira vez após tempo demais suando a camisa para manter sua *reputação* de gigantes. De novo eles arriscam percorrer um novo território, meramente por curiosidade e por prazer, sem cair na armadilha do momentâneo fácil. O efeito dessa atitude é uma surpreendente vitalidade: os Stones estão revigorados, estão com fome de música e não mais com medo de deixar de ser o que é esperado que eles sejam.

É um disco farto – 15 faixas, no total, quase todas com mais de quatro minutos – que se divide em três facções distintas: Jagger afetado, leonino ao cubo, desfilando para lá e para cá vestindo sua faixa de *Miss Melhor Banda de Rock'n'Roll do Mundo* ("Sparks Will Fly", "I Go Wild") e ainda, a essa altura do campeonato, reforçando a sua fama de misógino inveterado ("Brand New Car", que usa duplos sentidos para comparar carros novos a novas conquistas sexuais); Keith digno, o *bluesman* sábio e sofrido como os ídolos de sua adolescência ("Thru And Thru", "The Worst", um country/blues comovente); e por último, os Rolling Stones como banda madura, desacelerando o ritmo para apreciar a paisagem e bater um papo formidável ("Love Is Strong", que abre o disco, e é o primeiro single; "You Got Me Rockin'", aparentada com "Brown Sugar"; "Moon Is Up", de longe a melhor interpretação exemplar de Jagger, cantando tudo o que sabe, em vez de se imitar; "Baby Break It Down" e "Mean Disposition"; "Out Of Tears", uma das grandes baladas dos Stones).

A entrada do baixista Daryl Jones foi benéfica: ele traz um estilo ligeiramente mais floreado que o de Bill Wyman (até aí qualquer outro baixista teria conseguido essa "façanha") e um frescor que areja um tantão o ar.

Rebotalho há: o funk requentado "Suck In The Jugular" (mas com uma pitadinha de rap, para mostrar que Jagger anda ligado nas "novidades"); o abolerado (???) e chicano (???) "Sweethearts Together" é nsível; e "New Faces" parece demais com "Angel In My Heart" (de *Wandering Spirit*, o mais disco solo de Mick) para causar qualquer tipo de surpresa ou impacto com seu harpsichord à *la* anos 60. E "I Go Wild", que por pouco não se transforma num "hino rock" como "Rock'n'Roll All Nite", do Kiss.

Voodoo Lounge é um disco de satisfação: é curioso, até, como ouvindo se visualiza os Stones tocando *sentados*, como se estivessem trocando idéias no fundo de um bar entretidos consigo mesmos, eles já provaram tudo o que tinham de provar, repetidas vezes. O recreio começou. *J.E.R.*

Jagger encrenqueiro, em A Força Será Sua Recompensa (Ned Kelly)

Os Stones se preparam! Ready, Steady, Go!, na faixa nova

ROLLING STONES

TRÊS DÉCADAS DO MAIOR SHOW DE ROCK'N'ROLL DO MUNDO

Desde meados dos anos 70, a mesma ladainha: a cada turnê dos Rolling Stones, anuncia-se a sua vinda ao Brasil. O desfecho, sempre igual, nunca rolou nada. Agora, se espera ver os caras por aqui no início de 95, naquela que provavelmente será sua derradeira excursão – infelizmente, sem o baixo de Bill Wyman. Mas que se há de fazer? Faz parte do imaginário dos *stones-maníacos* locais sonhar ver a banda em cima de um palco. Claro, há registros de shows em discos, vídeos e filmes, mas o que aliçam os fãs são as histórias que rolaram nos mais de trinta anos de estrada. Eis algumas:

• **63** No início do ano, estrearam com o nome The Rolling Stones no Marquee Club, Londres. Seguiu-se uma temporada de oito meses no Crawdaddy Club, Richmond. No fim do ano, fizeram a primeira turnê britânica, abrindo shows para Bo Diddley e The Everly Brothers.

• **64** Em junho, ocorreu a primeira excursão americana do grupo, com enorme estardalhaço entre a imprensa que os rotulava de marginais, no minimo os fãs com várias apresentações interrompidas devido a tumultos na audiência.

• **67** O grupo fez seu primeiro show além da antiga "Cortina De Ferro". Foi em Warsaw, na Polônia, onde três mil estudantes depredaram o teatro, sendo reprimidos a golpes de cassetete e bombas de gás lacrimogêneo pela polícia.

• **69** Em 5 de julho, tocaram pela primeira vez com Mick Taylor na guitarra que era de Brian Jones. No fim do ano, na turnê americana, eles iriam do paraíso – em duas datas no Madison Square Garden – ao inferno – no fatídico show de Altamont. Este, registrado no filme *Gimme Shelter*, mostrava que – durante "Sympathy For The Devil" – estourou uma briga na platéia e várias pessoas subiram ao palco, sendo espancadas pelos Hell's Angels (que faziam a "segurança"). Mick parou a música e disse: "Irmãos! Irmãos! Se acalmem! Por que estamos brigando?". Pouco depois, quando tocavam "Under My Thumb", outros membros da gangue mataram a facadas...

• **72** Inúmeros tumultos e prisões aconteceram na turnê que fizeram pelos EUA e o Canadá.

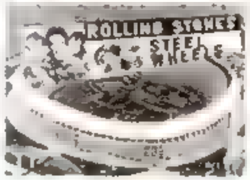
• **75** Na excursão americana estreou Ronnie Wood, no lugar do demissionário Mick Taylor.

• **76** O grupo tocou na boate El Mocambo, em Toronto, só para trezentas pessoas selecionadas por um programa de rádio – mas a primeira-dama canadense Margaret Trudeau. A ilustre madame foi vista de robe posteriormente no hotel em que Mick & Cia. estavam hospedados.

• **81** A excursão da banda chega às telas com o filme *Let's Spend The Night Together*.

• **89** A turnê *Steel Wheels* tornou-se a mais lucrativa dos shows até então. *Celso Pucci*

1. Em 64, o grupo tocando ao ar livre em Longleat, Inglaterra, já com uma audiência de dezesseis mil pessoas • 2. Detonando na Califórnia no início de 65, em plena "invasão britânica" • 3. Show gratuito no Hyde Park, Londres, em julho de 69, dois dias após a morte de Brian Jones • 4. Histórica apresentação no Madison Square Garden, Nova York, que gerou o álbum *Get Yer Ya-Ya's Out* • 5. O lado podre da mesma turnê americana de 69: durante um show em Altamont, Califórnia, o negro Meredith Hunter é assassinado por membros dos Hell's Angels • 6. Sinal de gigantismo nos anos 70: cartaz da turnê européia • 7. Três anos depois, o motivo gráfico era sensual • 8. Ainda na excursão de 73, os *Glimmer Twins* em ação • 9. Em 75, no espetacular palco móvel em forma de flor-de-lótus • 10. Na excursão de 81, registrada no filme *Let's Spend The Night Together*, de Hal Ashby • 11. Faixa-monstro usada para promover a turnê *Steel Wheels* (89) • 12. Keith em 91, na última vez que o grupo caiu na estrada.



ROLLING STONES

DISCOGRAFIA

• ***THE ROLLING STONES*** (64) • ***12 X 5*** (64 originalmente ed tado só nos E.U.A) • ***THE ROLLING STONES N° 2*** 65, originalmente só editado na Inglaterra • ***THE ROLLING STONES NOW*** (65) • ***OUT OF OUR HEADS*** (65) • ***DECEMBER'S CHILDREN AND EVERYBODY'S*** (65 originalmente so editado nos EUA/No Brasil, saiu com o título de ***As Tears Go By***) • ***AFTERMATH*** (66) • ***GOT LIVE IF YOU WANT IT!*** (ao vivo, 66, originalmente só editado nos EUA/Nos anos 70 saiu na Inglaterra com o título de ***HAVE YOU SEEN YOUR MOTHER, LIVE*** • ***BETWEEN THE BUTTONS*** (67) • ***THEIR SATANIC MAJESTIES REQUEST*** (67) • ***BEGGAR'S BANQUET*** (68) • ***LET IT BLEED*** (69) ***GET YER YA-YA'S OUT*** (70) • ***STICKY FINGERS*** (71) • ***EXILE ON MAIN STREET*** (72) • ***GOAT'S HEAD SOUP*** (73) • ***IT'S ONLY ROCK AND ROLL*** (74) • ***BLACK AND BLUE*** (75) • ***LOVE YOU LIVE*** (ao vivo, 77) • ***SOME GIRLS*** (78) • ***EMOTIONAL RESCUE*** (80) • ***TATTOO YOU*** (81) • ***STILL LIFE*** (ao vivo, 82) • ***UNDERCOVER*** (83) • ***DIRTY WORK*** (86) • ***STEEL WHEELS*** (89) • ***FLASHPOINT*** (ao vivo 91) • **NOTA**: Todos estes discos saíram em versão CD, com exceção de ***ROLLING STONES N° 2*** que ficou obsoleto em termos de fitas com a mistura de CDs americanos e ingleses. Todos eles saíram em CD no Brasil em 93 pela PolyGram. As edições americanas e inglesas dos álbuns ***THE ROLLING STONES, OUT OF OUR HEADS, AFTERMATH, BETWEEN THE BUTTONS*** têm diferença em relação as suas faixas. Quanto a estes discos em particular, a discografia brasileira dos anos 60 segue a americana. Quando estes discos foram relançados aqui em 81 seguiram a discografia inglesa. Estes lançamentos, desde ***THE ROLLING STONES*** até ***GET YER YA-YA'S OUT*** saíram originalmente pelos selos Decca na Inglaterra e London nos EUA (distribuídos no Brasil pela PolyGram). Os outros saíram pelo selo Rolling Stones que tinha distribuição da Sony antes de ser incorporado pela Virgin. O álbum ***FLASHPOINT*** é o único que foi editado em Mini-Disc nos EUA e na Europa. A Virgin vai relançar mundialmente a discografia oficial dos Stones numa série limitada chamada *Special Series*.

COLETÂNEAS IMPORTANTES

• ***BIG HITS, HIGH TIDE AND GREEN GRASS*** (66)/***THROUGH THE PAST, DARKLY AND BIG HITS, VOL. 2*** (70) • ***HOT ROCKS*** (72) • ***MORE HOT ROCKS*** (72) • ***NO STONE UNTURNED*** (73) • ***METAMORPHOSIS*** (75) • ***ROLLED GOLD*** (75) • ***SUCKING IN THE SEVENTIES*** (81) • ***REWIND*** (84) • ***THE SINGLES COLLECTION – THE LONDON YEARS*** (89) • **NOTA:** Todos estes títulos foram lançados em CD no exterior pela Decca/London, exceto ***SUCKING IN THE SEVENTIES*** e ***REWIND***, que saíram pela Sony – inclusive no Brasil. ***NO STONE UNTURNED METAMORPHOSIS*** e ***ROLLED GOLD*** ainda não se encontram disponíveis na versão CD. A caixa ***THE SINGLES COLLECTION*** ... com três CDs, chegou a ser importada e distribuída em quantidade limitada por aqui pela PolyGram.

LIVROS

• ***ODE TO A HIGH FLYING BYRD***, de Charlie Watts (64) • ***OUR OWN STORY – BY THE ROLLING STONES***, de Peter Goodman (64) • ***THE ROLLING STONES – AN UNAUTHORIZED BIOGRAPHY*** de David Dalton (72) • ***MICK JAGGER, EVERYBODY'S LUCIFER***, de Anthony Scaduto (74) • ***STP–STONES TOURING PARTY*** de Robert Greenfield (74) • ***THE ROLLING STONES – AN ILLUSTRADED RECORD***, de Roy Carr (76) • ***UP AND DOWN WITH THE ROLLING STONES***, de Tony Sanches (79) • ***KEITH RICHARDS***, de Barbara Charone (79) • ***THE BRITISH INVASION***, de Nicholas Schaffner (81) • ***THE ROLLING STONES – THE FIRST TWENTY YEARS***, de David Dalton (81) • ***MICK JAGGER IN HIS OWN WORDS*** (81) • ***STONE ALONE***, de Bill Wyman (90) • ***MICK JAGGER – BIOGRAFIA NÃO AUTORIZADA***, de Christhopher Anderson (93, o único editado no Brasil)

FILMOGRAFIA

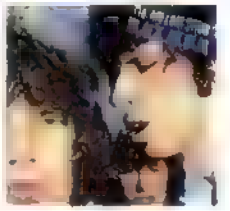
• ***CHARLIE IS MY DARLING*** (65) Direção: Peter Whitehead. Documentário mostrando o backstage dos shows do grupo numa excursão pela Irlanda • ***THE T.A.M.I. SHOW*** (65) Direção: Steve Binder. O primeiro grande concerto de rock a ser filmado, com The Supremes, The Beach Boys, James Brown e outros. Os Rolling Stones mostram cinco músicas. Disponível em vídeo com o nome de ***BABY, THAT WAS ROCK'N'ROLL*** • ***TONIGHT LET'S ALL MAKE LOVE IN LONDON*** (67) Direção: Peter Whitehead. Documentário mostrando a Swinging London. Os Stones aparecem na trilha sonora e em pequenas cenas • ***ONE PLUS ONE*** (69) Direção: Jean Luc Godard. Este filme também é conhecido como ***SYMPATHY FOR THE DEVIL*** e mostra os grupo ensaiando e gravando a música • ***POP CORN – AN AUDIO VISUAL EXPERIENCE*** (69) Direção: Peter Clifton. Colcha de retalhos misturando clips de artistas de Jimi Hendrix aos Bee Gees. Os Stones aparecem no super raro clip de "2.000 Light Years From Home" • ***STONES IN THE PARK*** (69) O show no Hyde Park, em Londres, homenageando Brian Jones e marcando a primeira aparição de Mick Taylor • ***GIMME SHELTER*** (70) Direção: Albert & David Maysles. A infame turnê de 69, mostrando o assassinato de um fã ao som de "Under My Thumb" em Altamont. Disponível em vídeo no Brasil pela PolyGram • ***LADIES AND GENTLEMAN: THE ROLLING STONES*** (74) Direção: Rolling Binzer. Registro oficial e certinho da caligulesca turnê de 72 • ***LET'S SPEND THE NIGHT TOGETHER*** (84) Direção: Hal Ashby. Registro da excursão do grupo no começo dos anos 80. Saiu aqui pela Globo Vídeo em 87 • **NOTA:** Ainda existem dois filmes o grupo não lançados oficialmente, mas que existem em cópias piratas. ***THE ROLLING STONES ROCK'N'ROLL CIRCUS*** (69) Direção: Michael Lindsay Hogg. Com um especial de TV colorido que reuniu John Lennon, The Who e outros • ***COCKSUCKER BLUES*** (73) Direção: Robert Frank. Os Stones revelando toda a bateria e chapação do grupo.

VIDEOGRAFIA

REWIND (84). Direção: Vários. Mick e Bill apresentam clips dos anos 70 e começo dos 80 infelizmente, várias músicas não estão inteiras • ***BRITISH ROCK – THE FIRST WAVE*** (86) Direção: Vários. Documentário da invasão de bandas britânicas. Os Rolling Stones aparecem com destaque • ***25X5 – THE CONTINUING ADVENTURES OF THE ROLLING STONES*** (89) Direção: Nigel Finch. Documentário que retrata a carreira do grupo, do começo até a turnê de Steel Wheels. Disponível no Brasil pela Sony • ***ROCK'N'ROLL – THE GREATEST YEARS*** (90) Direção: Vários. Compilação de clips raros. Os Stones aparecem em vários volumes • Nota: Existem vídeos que pintam em catálogos de prateiros americanos que são raridades que valem a pena. Procure: ***THE ED SULLIVAN SHOW*** Compilação com todas as aparições dos Stones no famoso programa de TV dos Estados Unidos nos anos 60 • ***AT THE CHECKBOARD LOUNGE***. Vídeo com Mick Keith e Ron Wood numa jam com Muddy Waters

Sticky Fingers (71)

Goat Head's Soup (73)



Black And Blue (75)

OLHO NO LINCE

A linha de relógios Lince tem números opções masculinas, femininas, sociais e esportivas com um design incrível.
Lince tem tecnologia quartz, certificado de garantia e assistência técnica em todo o país.
Você tem toda a moda nos mãos com um Lince no pulso.
Olho no Lince. Sempre um modelo certo a preço justo

LINCE

SEMPRE UM MODELO CERTO A PREÇO JUSTO.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS. CONHEÇA O AMAZONAS

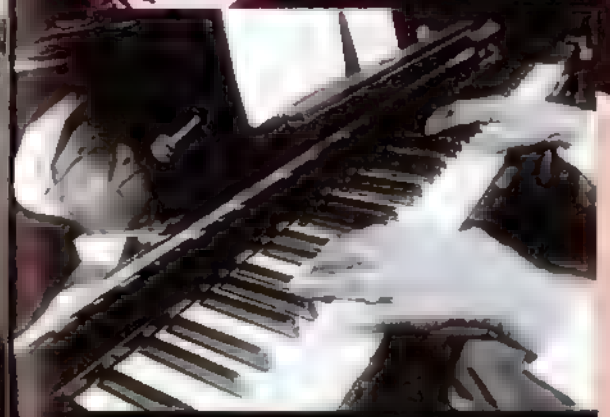
ESPECIAL AO VIVO

Nescafé & Blues

São Paulo, 25 a 29/5

Fotos: Jorge Rosemberg

Nesta página, a cantora Otis Clay, no Olido, já com sua guitarra Fender Stratocaster, Big Time Sarah nos braços do público, a simpatia de Lewis Lee e o timbre Robert Cray



E o blues invadiu São Paulo mais uma vez. . Durante cinco noites, o *Nescafé & Blues* – novo nome do festival que acontece desde 88 – estremeceu os alicerces do Palace

Desta vez, o festival trouxe ao Brasil um dos maiores nomes da história do rock'n'roll britânico: **Eric Burdon**. O vocalista mostrou alguns clássicos dos tempos do grupo The Animals, ao lado do tecladista **Brian Auger** e sua banda

A confusa mistura de firulas jazzísticas com o rock'n'roll e o rhythm n'blues mostrada nos dois shows de Burdon e Auger refletiram de forma perfeita um problema comum a quase todos os shows apresentados no festival. Talvez deslumbrados com a receptividade excessivamente "festeira" do publico, alguns dos músicos se esqueceram do que sabem tocar e acabaram se rendendo aos apelos fáceis dos solos intermináveis e daqueles assédios de fãs instantâneos.

Apesar dos pesares, a maratona revelou ao público brasileiro alguns dos maiores talentos do blues contemporâneo, até então conhecidos por poucos iniciados no país. Graças a esse espírito novidadeiro, o *zydeco player* **Terrance Simien** e os guitarristas **Robben Ford, Ronnie Earl e Lonnie Brooks** puderam dar seus primeiros passos no Brasil. Já o guitarrista **Coco Montoya** decepcionou aqueles que se deliciaram com sua performance ao lado de John Mayall, no *Free Jazz Festival* de 88.

A maior bola dentro do festival ficou por conta do *feeling* impecável do *soulman* **Otis Clay** e da cantora **Big Time Sarah**. Enquanto Clay conquistou a platéia com sua voz avassaladora, Sarah partiu para o corpo a corpo: destilou seus blues nos braços do público, literalmente

O sucesso do show de Clay foi o responsável pela maior broxada do festival. A sua *performance* impecável anulou o esperado show de **Robert Cray**. O guitarrista não conseguiu emplacar com o seu blues modernoso, encarando um Palace completamente atônito logo após o show de Clay. Pior para ele.

A ala brasileira foi representada sem escorregões por **Nuno Mindelis, Celso Blues Boy**, pela banda **Big Allanbik** e pelos cariocas dos **Blues Etílicos**, que contaram com as presenças especiais de **Ed Motta** e do saxofonista **Paulo Moura**.

No fim da história, o tiro parece ter saído pela culatra. O ritmo frenético do festival - doze atrações em cinco noites – cansou o público. Talvez seja melhor dosar a intensidade das coisas em 95. Afinal, o blues merece respeito. *Helio Gomes*

No sentido horário: Terrance Simien empunha seu acordeão e detona o zydeco; todo o arsenal do gaitista Flávio Guimarães (Blues Etílicos), em pausa de luxo; Cacá Monteyo durante uma jam session no hotel Transamérica e Eric Burdon mostrando seu estilo no palco do Palace

NÃO CONFUNDA BARULHO COM ATITUDE.

OUÇA A 97 ROCK.

97 97,7MHZ-S.PAULO ROCK

Av. Dr. Arnaldo, 1.135 - 1º andar - Telefone do ouvinte: (011) 252 6097

ANER ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS EDITORES DE REVISTAS

Quem pode comprar revista, pode comprar seu produto.

LANÇAMENTOS

SONIC YOUTH

BMG-Ariola

Daydream Nation

O álbum *Experimental Jet Set Trash And No Star* é uma volta à fase mais anárquica e experimental do Sonic Youth, depois de dois albuns – *Goo* (90) e *Dirty* (92) – que trazium um rock mais simples e direto. Quem conhece a trajetória de mais de doze anos desse combo *noise* de Nova York sabe que a experimentação com microfonias e a superimposição de texturas sonoras foram as caracteristicas que definiram a sua atitude musical e redirecionaram o rock no meio dos anos 80.

Se não fosse por Thurston Moure Kim Gordon & Cia., é bem provável que bandas experimentais como Pavement, Sebadoh e Mercury Rev não existissem hoje em dia *Experimental* .. – que além da capa "oficial" na versão CD vem com outras opções (algumas espalhadas em tamanho menor aqui nesta pagina) – traz de volta o Sonic Youth "de vanguarda", cheio de microfonias espaciais, musicas longas e passagens percussivas. De uma certa maneira, as músicas do grupo podem até ser consideradas progressivas, uma vez que cada parte da canção tem uma estrutura rítmica e sonora diferente A incrivel qualidade do Sonic Youth é conseguir juntar a experimentação e o radicalismo com uma pegada pop quase *bubblegum*, quase Ramones.

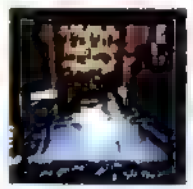
"Self-Obsessed And Sexxee", uma sátira aos adolescentes da geração "grunge", tem um *riff* fácil, desses de assobiar "In The Mind Of The Bourgeois Reader", crítica as revistas de musica

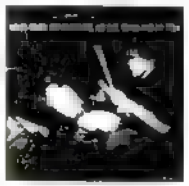
BMG-Ariola

Experimental Jet Set, Trash And No Stars

Em "Screaming Skull", Thurston canta sobre uma visita à loja do selo *indie* SST em Los Angeles, antiga gravadora de Sonic Youth. A letra é uma pérola de nostalgia punk, citando Hüsker Dü, Lemonheads (estes também já foram punks, sabia?) e até novatos como o Superchunk

O lançamento atrasado de *Daydream Nation* (88) no Brasil, embora revoltante, foi um alivio. Sempre foi inconcebivel que o público nacional fosse privado do disco que é considerado a obra-prima do Sonic Youth. Este album que marcou a transformação de uma boa banda *noise* de Nova York em uma das mais revolucionárias e interessantes forças criativas do rock americano. Antes desse disco, o grupo já havia ensaiado o estouro em *EVOL* (86) e *Sister* (87) mas sem atingir a perfeição entre a experimentação anarquica e o pop que viria em *Daydream Nation*. "Silver Rocket" e "Kissability" misturam sons frenéticos de caos urbano com pop rock revisionista dos anos 60 e70. "Teenage Riot" apologia do rock independente, é ate hoje uma das melhores faixas de uma banda moderna americana *Daydream Nation* e *Experimental Jet Set Trash And No Star* são albuns semelhantes. Nem parece que no intervalo dos dois o SY tirou seis anos de férias e lançou dois outros albuns "convencionais". Nada contra *Goo* e *Dirty*, dois discaços, mas ninguem pode negar que, no final dos tempos, quando os historiadores do rock estudarem o verbete "Sonic Youth", o nome do grupo vai estar associado ao item "experimentação", para sempre ANDRÉ BARCINSKI





DISCOS

VÁRIOS

Warner

Alternative NRG

Mais politicamente correto impossível. Um disco gravado e mixado a partir da energia solar. Nenhuma fonte poluidora, ao menos quanto à atmosfera.

Mas mesmo em se tratando de "dejetos sônicos" este CD apresenta um nível quase perfeito. Dos dezesseis participantes do projeto, apenas a faixa *unplugged* de Annie Lennox (única registrada em sistema convencional e depois mixada através de energia solar) além das performances pouco convincentes dos grupos ingleses Soup Dragons e James, chegam a incomodar um pouco.

De resto, a turma do movimento ecológico Greenpeace se deu bem ao catar o Cyrus ("sol" em persa) - seu gerador movel que coleta armazena e transforma o calor solar em energia eletrica – para sair através dos Estados Unidos. Gravaram concertos de bandas que aderiram a causa da organização e até as mixagens foram feitas por esse mesmo processo. Apesar de presenças estelares como U2 ("Until The End Of The World") e R.E.M. (numa releitura eletrica de "Drive"), ha destaques maiores: Disposible Heroes Of Hiphoprisy ("Everyday Life Has Become A Healty Risk"), Sonic Youth ("JC") EMF recuperando o classico boogeano "Search And Destroy") e – especialmente – o balanço de Youthu Yindi ("Yoingu Boy"). Ecologia sem ranço. *Celso Pucci*

ELVIS COSTELLO

Warner

Brutal Youth

Ele já tem mais de quinze anos de carreira e quase esse mesmo número de álbuns fora os projetos paralelos com outros artistas, as trilhas sonoras e algumas incursões clássicas. E agora retoma em grande estilo em quinze belas canções, com os membros originais de seu grupo – The Attractions – com o amigo Nick Lowe, além de sua esposa Cait O'Riordan (ex-The Pogues), nos vocais.

Costello parece querer reafirmar o recente renascimento da new wave que esta ocorrendo na Inglaterra.

Muitas das faixas soam como outtakes de seus primeiros discos como a musica "Sulky Girl" puro '77. Mas longe de ser nostalgico, Elvis sabe resgatar a new wave naquilo que o estilo tinha (e tem) de melhor: objetividade nos temas tratados e nas melodias, gerando aquela energia imediata com ausencia absoluta de frescuras musicais.

Como ecletismo que o caracteriza ele ora tende para o folk, ora experimenta o lado mais jazzy e sofisticado de seus ultimos trabalhos, mas é capaz de citar a simplicidade toxicante de Hank Williams.

Variações que possibilitam o cara se dar ao luxo de fazer auto-referencias sem cair em repetições. Assim, ele retoma seu próprio e diversificado catalogo – que inclui algumas das melhores influências de rock n roll, soul, rhythm n'blues, country etc – em musicas que procuram se remeter principalmente as suas reminiscencias juvenis.

O humor amargo continua presente nas letras, agora um pouco mais politicas, enquanto a sua sagacidade permanece intacta.

Nada mais justo para um compositor que ja teve obras gravadas por artistas tão diversos como Chet Baker, Roy Orbison e Mudhoney, entre tantos outros. *Sérgio Barbo*

ROLLINS BAND

BMG Ariola

Weight

Ninguém melhor do que Henry Rollins para dar sentido exato ao termo "testosterona". Naturalmente encrespado e agressivo, este Jean Claude Van Damme com miolos já pode ser considerado uma lenda viva do rock pela pura e simples razão de que ele vive cada uma das palavras que imantam suas musicas. Assim, quando o cara berra "você é fraco e patético/você é uma farsa e merece/adoraria te esmagar como um inseto" ("Step Back"), é bom a gente acreditar no que ele está falando. Tiradas do tipo servem de eixo para a pancadaria explicita do último disco da Rollins Band, *Weight*. Ao contrário do anterior *End Of Silence*, as faixas aqui têm um formato mais conciso, que deu *punch* extra ao som do grupo.

O novo baixista Melvin Gibbs - (ex-integrante de formações anarco-jazzisticas como Decoding Society e Defunkt) mostra a que veio na climática "Liar" – onde, tal qual um Jim Morrison enjaulado, Rollins segue declamando versos que se transformam em expressões perturbadas de tédio, de solidão e de desespero.

Não menos desconcertante, a faixa "Civilized" repudia a violencia armada em uma espécie de rap sem nenhum jogo de cintura.

Mas ainda vale citar outras duas músicas: "Disconnect" quer porque quer purgar a mente do cantor de seus pensamentos, enquanto "Tired" se esvai em meio a ruídos eletrônicos abafados e premonições de morte.

Realmente, *Weight* vale quanto pesa. *Arthur G. Couto Duarte*

THE BRIAN SETZER ORCHESTRA

BMG Ariola

Brian Setzer, cantor e dono dos Stray Cats, realiza um dos seus grandes sonhos: gravar com uma orquestra no estilo *jumping jive*. Traduzindo, trata-se daquele som que foi uma especie de transição entre o fim das *big bands* dos anos 40 e o início do rock n roll nos 50. Setzer convocou o bandleader Michael Acosta para organizar o naipe de metais e capitaneou o repertório. O resultado foi um dos mais irresistiveis discos do ano, uma aula de como se fazer musica de verdade. Além de suas boas canções Setzer anda caru matando em classicos como "Route 66" (gravado pelos Rolling Stones, Chuck Berry etc) e "Brand New Cadillac" original de Vince Taylor depois retomada pelo quarteto punk The Clash. *Paulo Cavalcanti*

TOOL

BMG Ariola

Undertow

Nem tudo que reluz é ouro. E nem tudo que parece ser de Seattle e datado e pentelho. O Tool é um bom exemplo disso. Ao contrário do que se pode pensar, o grupo vem de Los Angeles. Tudo bem: o cantor parece o Eddie Vedder, mas o som da banda vai muito além do baixo astral que andou rondando o Norte dos Estados Unidos. Sua característica principal são as guitarras bem distorcidas, o baixo em primeiro plano e o ritmo quebrado e quase desconexo da bateria. Não da para considera-los uma banda de metal.

A definição correta é grunge mesmo, com o perdão da palavra. Todos os elementos do estilo estão lá, exatamente como devem ser, mas com um detalhe: a banda possui bastante personalidade e um pouco mais de fúria, o que a diferencia e a coloca em um degrau acima da maioria dos grupos que estão mais para Pearl Jam do que para Nirvana. Um bom aval disso é a "brodagem" de Henry Rollins que, além de participar da faixa "Bottom", elegeu o Tool como seu grupo favorito. *Roger Harcus*

ITAMAR ASSUMPÇÃO E AS ORQUÍDEAS DO BRASIL

Baratos Afins

Bicho De Sete Cabeças Vol. II & Vol. III

Tai o Itamar que mostra serviço: irreverência, balanço, crítica e musicalidade que fazem os Titãs parecerem o Menudo. E aqui estão mais dois volumes (espero que haja mais, ainda que com outro título) da "série" *Bicho De Sete Cabeças*, iniciada no ano passado. Tal como no primeiro álbum, Itamar limitou-se quase só a cantar, a compor e a escrever os arranjos, deixando a instrumentação praticamente nas mãos competentes de uma banda formada por oito mulheres – As Orquídeas Do Brasil.

Quem conhece e gosta de Itamar tem aqui dois pratos cheios, com "Ciúme Do Perfume" (uma espécie de "Fico Louco" melhorada), levadas de reggae em "Tua Boca" e "Milágrimas", o xaxado moderno em "Enquanto Penso Nela" e muito mais. Brindes especiais: as canjas vocais de Tom Zé ("E Tanta Água"), de Jards Macalé ("Estropício") e de Ná Ozetti ("Quem Canta Seus Males Espanta"). Pena que o selo Baratos Afins não tenha reunido os dois volumes – fortes opções na lista dos melhores discos de 94 – em um único CD. *Antero Monteiro Jr.*

PRETENDERS

Warner

Last Of The Independents

Com vocês mais um capítulo da história "Dez A Volta Por Cima No Rock". Chrissie Hynde estava virando uma "mala", o último disco decente dos Pretenders foi *Learning To Crawl* (84) e, desde então, ela cuspia trabalhos razoaveis e prometia jogar uma bomba no McDonald's. Mas eis que Hynde fez as pazes com o baterista Martin Chambers – da formação original da banda, cujo último trabalho curiosamente foi *Learning...* – e chamou o guitarrista Adam Seymour e o baixista Andy Robson. E este *comeback* foi bom! Os novos Pretenders têm pressa de mostrar serviço – Chambers ilustra essa ansiedade ao descer a mão adiantado em "I'm A Mother".

As guitarras voltam a apitar, como no início de "Hollywood Perfume" ou na enxurrada de *wah wahs* em "Money Talk". "Night In My Veins" é prima distante de "Middle Of The Road", até com o mesmo riff de guitarra. O lado baladeiro de Hynde está nas babas ("I'll Stand By You", "977"), mas também em "Tequila", um country fossento, quase uma vinheta. Hynde ainda mostra talento pop. Ouça "Every Mother's Son" ou "Revolution" e não tenha vergonha em dizer que gostou delas. *Sérgio Martins*

DISCOS

BEL

Tinitus

Sambadrome

É surpreendente que este disco já esteja nas lojas. No Brasil, não é qualquer gravadora independente – nem qualquer banda desligada das majors – que consegue um segundo álbum. Os cariocas da Bel têm no mínimo o mérito dessa façanha. Mas *Sambadrome* também tem "faltas de mérito". A principal é a regravação de quatro faixas ("Surfista De Trem", "Meditação De Rua", "Nova Iorque Meu Amor" e "Rap Do Buzum") do primeiro álbum, *O Rei Do Rio*. Como o álbum tem dez músicas, as quatro perfazem quase metade do disco. O ahhh é a mudança de formação: entre os dois discos, a Bel incorporou Ronnie Marruda no lugar do vocalista Tony Garrido que foi para o Cidade Negra; e o guitarrista (Fábio Sant'anna). O funk pop da Bel continua irregular – acerta no alvo ("Romário", "O Homem De Gelo"), mas as vezes passa longe dele. Este disco não nega a síndrome. *Gabriela Dias*

ANGRA

Eldorado

Angel's Cry

Esta é a banda de André Matos, ex-vocalista do Viper, que estréia com um disco, muito bem gravado na Alemanha. Depois do álbum *Theatre Of Fate*, o cantor deixou o Viper – e o rock. Mas voltou, com o Angra, que vai ainda mais fundo na fusão do metal melódico com som progressivo. O falsete de André é perfeito para o estilo, mas o disco

não tem uma canção memorável como "Living For The Night". O hit em potencial é a *cover* heavy de "Wuthering Heights" (Kate Bush). Mas será que esse metal lapidado terá vez fora do Japão, onde está para ganhar um disco de ouro? Temo que não. *João Ricardo Lima*

VERDAGUER

Record Runner

Humahuaca

Willy Verdaguer é um baixista argentino radicado no Brasil desde 67, integrou os Beat Boys (que tocaram com Caetano Veloso) e nos anos 70, tocou com os Secos & Molhados, Ronnie Von, Raices De America e... além disso – montou seu grupo de rock progressivo instrumental, o Humahuaca.

Na época, não chegou a gravar e com este C.D. se propôs a registrar um pouco do repertório do grupo, com temas como "Dança Dos Dedos" e "Humahuaca".
Mas Willy deixa bem claro que não quer viver de nostalgia, tanto que a maioria das músicas aqui presentes são recentes. Não se assuste com o rótulo "progressivo": ao contrário de outros, Verdaguer tem um estilo original, marcado pela influência de música latina, numa síntese bem feita. *Avitos Mussumi Jr.*

NASI E OS IRMÃOS DO BLUES

Tinitus

Uma Noite Com...

Não é comum ouvir blues brasileiro em disco. Andre Christovam, Blues Etílicos... e é só. Por isso mesmo Nasi E Os Irmãos Do Blues já saem com um ponto de bônus. O time é de primeira e mostra cacife para gravar ao vivo. O repertório também é bom. Johnny Watson, Professor Longhair, "Screamin'" Jay Hawkins, Jimmy Reed e até Tim Maia. Agora os "puristas" Nasi se esforça para ser um *bluesman* autêntico, mas não é. Fica aquela voz rascante meio forçada. E as letras vertidas para o português ficaram meio sem sal. Mas é um disco honesto o suficiente para agradar fãs de blues. *Jefferson de Souza*

STONE TEMPLE PILOTS

Warner

Purple

De certa forma, o sucessor de *Core* dilui a teoria de que os Stone Temple Pilots não passariam de um grupo de "grunge cover", oportunista e sem talento.
Variado e inventivo, *Purple* pode não ter o mesmo potencial comercial do álbum anterior, mas supera o primeiro disco em termos de repertório, de arranjos e também de produção.
Dois exemplos claros das qualidades de *Purple* tornam-se perceptíveis em dois pólos totalmente opostos de álbum: na dolência e no torpor do country urbano que permeia a faixa "Big Empty" – que já havia sido incluída na trilha sonora do filme *The Crow* – e na dureza pesada que caracteriza composições como "Vaseline" (o primeiro compacto retirado do álbum, que tem sido martelado insistentemente na MTV) e "Lounge Fly" – outro dos muitos momentos de destaque que os Stone Temple Pilots conseguem em *Purple*.

Estes são os sons de uma banda em busca de sua própria identidade, numa selva repleta de referenciais marcantes, quase imperativos. E esta batalha não fica aquém de interessante, quase heróica. *José Emílio Rondeau*

TRILHAS SONORAS

VÁRIOS

EMI-Odeon

Backbeat

Pastiche. Talvez essa seja a palavra para definir a trilha de *Backbeat* (*Os Cinco Rapazes De Liverpool*, no Brasil), filme do novato Iain Softley que narra os dias de Stu Sutcliffe junto aos Beatles, nos primórdios do grupo. O maior problema do disco se chama David Pirner. O intragável cantor do Soul Asylum foi escalado pelo produtor Don Was para os vocais que um dia foram de Paul McCartney, com um resultado desastroso. Pirner tornou insuportáveis canções como "Long Tall Sally" (Little Richard), Mike Mills (baixista do R.E.M.), Dave Grohl (baterista do Nirvana), Don Fleming (guitarrista do Gumball), Thurston Moore (guitarrista/vocalista do Sonic Youth) e Greg Dulli (vocalista do Afghan Whigs) até que seguram a onda, mas no fim a mistura perde o ponto. Fique com a energia original dos Beatles. *Hélio Gomes*

VÁRIOS

Sony

Philadelphia

Esta trilha já era notícia antes mesmo de ser gravada, graças ao "chefão" Bruce Springsteen ter ficado com a incumbência de escrever o tema principal. Criou-se então uma expectativa, que acabou não se confirmando plenamente. O tema "Streets Of Philadelphia", filhote de Bruce, mereceu o Oscar faturado e a faixa-título – feita por Neil Young – representa bem o clima passional do filme.

Mas não é só isso: a trilha nos oferece também a hipnótica "Lovetown" de Peter Gabriel, a swingada "Ibo Lele", com o grupo Ram, a jazzística "Please Send Me Someone To Love", na voz sempre deliciosa de Sade e – de quebra – a diva da ópera Maria Callas dando uma amostra de seu talento. Discaço! *Fabian Chacur*

VÁRIOS

Sony

Cool Runnings

Cool Runnings (que no Brasil se chamou *Jamaica Abaixo De Zero*) é o típico filme legalzinho.
Os adjetivos da trilha são menos humildes. O disco tem sons para todos os gostos, como os rosnados românticos de Tiger em "Cool Me Down" e o *reggae* consciente de Tony Rebel em "Sweet Jamaica".
Mas o melhor da festa são mesmo as regravações. Entre elas, se encontram "I Can See Clearly Now", hit do americano Johnny Nash revivido por Jimmy Cliff, além de "Stir It Up", canção de Bob Marley que ganhou uma belíssima versão *dancehall* de Diana King. E ainda tem mais: os Wailing Souls colocando ginga no swingue de "Wild, Wild Life", dos Talking Heads. *Sérgio Martins*

VÁRIOS

Warner

A Perfect World

VÁRIOS

BMG Ariola

The Beverly Hillbilies

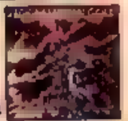
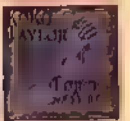
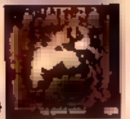
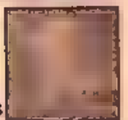
VÁRIOS

Warner

Maverick

Os filmes de faroeste voltaram à moda em Hollywood. E para acompanhar a onda, suas trilhas estão recheadas de ótima música country.
Bons exemplos são *A Perfect World* (*Um Mundo Perfeito*), *The Beverly Hillbilies* (*A Família Buscapé*) e *Maverick*. Das três, a primeira é a melhor. O filme se passa em 63 e por isso foram incluídos alguns dos lendários astros country da época: Don Gibson ("Sea Of Heartbreak", "Blue Blue Day"), Marty Robbins ("Don't Worry About Me"), Johnny Cash ("I Guess Things Happen That Way") e outros. Para não ficar só na velharia explícita, o topetudo retrô Chris Isaak aparece com duas boas regravações de *oldies*: "Dark Moon" e "The Little White Cloud That Cried". *Maverick*, que tem Mel Gibson no papel título, aposta no country moderno, apesar de ser um *western* de época. No saco de gatos que é a trilha, os louros vão para os nomes mais tradicionais como o velho "fora da lei" Waylon Jennings com "You Don't Mess Around With Me", Randy Newman com "Ride Gambler Ride" e Clint Black interpretando "A Good Luck Of Run".
Já *A Família Buscapé* tem regravações de clássicos do country e de rock'n'roll, como "Honey Don't" com Joe Walsh e Steve Earle, "I'm Moving On" com Sammy Kershaw e "I Ain't Never" com os Oak Ridge Boys. *Paulo Cavalcanti*

BOLSA DE DISCOS

Média	Disco										
8,60	THE BREEDERS • *The Last Splash* • Natasha	9	9	8	9	9	8	8	9	7	10
7,38	 BECK • *Mellow Gold* • BMG-Ariola	8	•	8	9	•	8	7	8	7	4
7,38	BENEDICTINE MONKS • *Canto Gregoriano* • EMI-Odeon	7	•	10	8	7	5	10	9	•	3
6,78	COUNTING CROWS • *August & Everything After* • Warner	7	6	•	5	7	8	8	8	6	6
6,67	 KOKO TAYLOR • *Force Of Nature* • Warner	7	•	•	•	7	8	5	6	7	•
6,60	 PANTERA • *Far Beyond Driven* • Warner	6	7	8	8	7	6	6	7	5	6
6,44	 PARALAMAS DO SUCESSO • *Severino* • EMI-Odeon	6	7	•	7	8	6	5	6	5	8
6,33	DFC • *Tchon Nan Nan Nan Nan* • Eldorado	5	7	9	8	6	7	•	6	4	5
5,00	X-RATED • *Daresafesexdisorder* • Polvo	5	6	7	•	6	2	•	4	5	5
4,14	SHAQUILLE O'NEAL • *Shaq Diesel* • BMG-Ariola	4	5	•	6	5	0	2	•	•	7

alta rotação

A REDAÇÃO RECOMENDA

METALLICA. *The Four Horsemen* Não, não é o pirata sobre o qual você já leu na BIZZ. Trata-se de mais um *bootleg*. Este reúne, em oitenta minutos, os primeiros momentos da banda em músicas [illegible] de [illegible] demo datadas de 82 (ainda com Dave Mustaine nas guitarras, arriscando alguns vocais). O disco traz, além de todas as músicas do álbum *Kill 'Em All* em versão demo, raridades como a nunca editada "Killing Time", a *cover* "Let It Loose", da Savage, a versão instrumental de "Trapped Under Ice" e músicas depois gravadas pelo Megadeth (banda de Mustaine), que aparecem com outros nomes. **R.H.**

Uma pena: ainda vai demorar para os [illegible] do **JORGE CABELEIRA E O DIA EM QUE SEREMOS TODOS INÚTEIS** aparecerem com o destaque que merecem. Não diga que eu não avisei: o coquetel [illegible]-rock-psicodelia-blues desses recifenses é acachapante. Dá um fio para o Coelho (baixista) e peça a segunda demo: (081) 326-1179. **G.D.**

Você já ouviu falar em **STEVE JAMES**? O *bluesman* texano passou por São Paulo em maio e deixou sua marca em quem assistiu a seus shows no Bourbon Street. Se você perdeu, o jeito é correr atrás de *Two Track Mind*, seu último disco lançado pela Antone's. O segredo de sua música é o casamento de uma voz impregnada de Jack Daniel's com o toque de um magnífico National Steel Guitar. James era um dos músicos prediletos de Stevie Ray Vaughan. Melhor referência não poderia haver. **H.G.**

Não fosse tão recluso, **BUNNY WAILER**, o terceiro vértice dos Wailers, poderia fazer mais sucesso que Peter Tosh ou Jimmy Cliff. A prova disso é a coletânea importada *Crucial Roots Classics* (Shanachie), que reúne quatorze sucessos de Bunny. Apesar de meio quadradão, ele passou por todas as fases do reggae, do som *roots* à paulera eletrônica de hoje. Acompanhado de músicos da categoria de Robbie Shakespeare (baixo) e Earl "China" Smith, Bunny detona preciosidades como "Here In Jamaica" e "Togawar Game". Compre correndo. **S.M.**

ARQUIVO PESSOAL

SÉRGIO BRITO (Titãs)

OS DEZ RECENTES

1. THE BREEDERS • *Last Splash* (93) • 4AD
2. MONSTER MAGNET • *Superjudge* (93) • A&M/PolyGram
3. MARK LANEGAN • *Whiskey For The Holy [illegible]* (94) • Sub Pop
4. RAIMUNDOS • *Raimundos* (94) • Banguela/Warner
5. SEPULTURA • *Chaos A.D.* (93) • Roadrunner
6. MEAT PUPPETS • *Too High To Die* (93) • [illegible]
7. VASELINES • *The Complete History* (94) • Sub Pop
8. SOUNDGARDEN • *Superunknown* (94) • A&M/PolyGram
9. RAMONES • *Acid Eaters* (93) • EMI-Odeon
10. WARRANT • [illegible] (93) • Sony

OS DEZ ETERNOS

1. THE BEATLES • *Revolver* (66) • Parlophone
2. PIXIES • *Doolittle* (89) • 4AD
3. SEX PISTOLS • *Never Mind [illegible]* (77) • Virgin/[illegible]
4. BLACK SABBATH • *Paranoid* (70) • Vertigo
5. JIMI HENDRIX • *Axis: Bold As Love* (67) • Polydor
6. RAMONES • [illegible] (77) • [illegible]
7. BEACH BOYS • *Pet Sounds* (66) • Capitol
8. DEVO • *Q: Are We Not Men?* (78) • Warner
9. [illegible]
10. [illegible]

LEITORES

1. PINK FLOYD • *The Division Bell* • Sony
2. LEGIÃO URBANA • *O Descobrimento Do Brasil* • EMI-Odeon
3. BRYAN ADAMS • *So Far So Good* • PolyGram
4. SOUL ASYLUM • *Grave Dancers Union* • Sony
5. SOUNDGARDEN • *Superunknown* • PolyGram
6. RAMONES • *Acid Eaters* • EMI-Odeon
7. GUNS N' ROSES • *The Spaghetti Incident?* • Warner
8. RUSH • *Counterparts* • Warner
9. NIRVANA • *Bleach* • BMG-Ariola
10. SPIN DOCTORS • *Pocket Full Of Kryptonite* • Sony

A parada dos leitores continua em evolução. Curiosidade: três dos cinco primeiros são artistas nacionais. O que você está esperando? Escreva logo: o endereço é Av. das Nações Unidas, 5.777, CEP 05479-900, São Paulo/SP. Atenção: só valem os discos comprados nos últimos trinta dias.

LOJAS

GERAL

1. PINK FLOYD • *The Division Bell* • Sony
2. ANGRA • *Angels Cry* • Eldorado
3. RAIMUNDOS • *Raimundos* • Banguela/Warner
4. AEROSMITH • *Get A Grip* • BMG-Ariola
5. FIGHT • *War Of [illegible]* • Sony
6. GREEN DAY • *Unplugged* • Warner
7. SOUNDGARDEN • *Superunknown* • PolyGram
8. BLACK SABBATH • *Cross Purposes* • [illegible]
9. VÁRIOS • *Philadelphia* • Sony
10. NAILBOMB • *Point Blank* • Roadrunner

INDEPENDENTE

1. AMEN CORNER • *Fall Ascension* • Cogumelo
2. RACIONAIS MC's • *Raio X Brasil* • Zimbabwe
3. ITAMAR ASSUMPÇÃO • [illegible] • Baratos Afins
4. SARCÓFAGOS PODRES • [illegible]
5. PATO FU • *Rotomusic De Liquidificapum* • [illegible]
6. DEVOTOS DE NOSSA SRA. APARECIDA • Radical
7. SARCÓFAGO • *Hate* • Cogumelo
8. CÂMBIO NEGRO • *Câmbio Negro* • [illegible]
9. [illegible]
10. THAIDE E DJ HUM • *Humildade E Coragem* • [illegible]

Lojas consultadas: [illegible]

parada

EUA

1. VÁRIOS • *The Crow* • Interscope/Atlantic
2. TIM MCGRAW • *Not A Moment Too Soon* • Curb
3. ACE OF BASE • *The Sign* • Arista
4. BENEDICTINE MONKS • *Chant* • Angel
5. VÁRIOS • *Above The Rim* • Death Row/Interscope
6. COUNTING CROWS • *August & Everything After* • DGC/Geffen
7. PINK FLOYD • *The Division Bell* • Capitol
8. R. KELLY • *12 Play* • Jive
9. REBA MCENTIRE • *Read My Mind* • MCA
10. ALL-4-ONE • *All-4-One* • Blitz/Atlantic

EUA Metal

1. SONIC YOUTH • *Experimental Jet Set, Trash [illegible]* • [illegible]
2. SKIN • *Skin* • Polydor
3. NAPALM DEATH • *Fear, Emptiness, Despair* • [illegible]
4. BIOHAZARD • *State Of The World Address* • Warner
5. SENSER • *Stacked Up* • Ultimate
6. NIRVANA • *Nevermind* • Geffen
7. ROLLINS BAND • *Weight* • Image
8. COUNTING CROWS • *August And Everything After* • MCA
9. THE WILDHEARTS • *Don't Be Happy, Just Worry* • EastWest
10. NAILBOMB • *Point Blank* • Roadrunner

EUA Singles

1. ALL-4-ONE • *I Swear* • Blitz/Atlantic
2. MADONNA • [illegible] • [illegible]
3. ACE OF BASE • *The Sign* • Arista
4. ENIGMA • *Return To Innocence* • Virgin
5. PRINCE • *The Most Beautiful Girl In The World* • NPG/Bellmark
6. BIG MOUNTAIN • *Baby I Love Your Way* • RCA
7. ACE OF BASE • *Don't Turn Around* • Arista
8. WARREN G. & NATE DOGG • *Regulate* • Death Row/Interscope
9. TONI BRAXTON • *You Mean The World To Me* • LaFace/Arista
10. AALIYAH • *Back & Forth* • Blackground/Jive

[illegible]

1. ERASURE • *I Say I Say I Say* • Mute
2. DEACON BLUE • *Our Town Greatest Hits* • Columbia
3. ETERNAL • *Always And Forever* • EMI
4. THE CRANBERRIES • *Everybody Else Is Doing It [illegible]* • Island
5. CHRIS DE BURGH • *This Way Up* • A&M
6. PINK FLOYD • [illegible] • EMI
7. JUDITH DURHAM/THE SEEKERS • *Carnival Of Hits* • EMI
8. CRASH TEST DUMMIES • *God Shuffled His Feet* • RCA
9. BLUR • *Parklife* • Food/Parlophone
10. DUSTY SPRINGFIELD • [illegible] *Back* • Philips

ZONA FRANCA

pandemônio eletrônico

O projeto Random Mindmachine – de Marcus Gilyes (dcima) – é o mais inovador do selo Subtronic

O cast do selo alemão Subtronic (ex-Subway) entra no clima pós-EBM da música eletrônica com várias bandas tentando dialogar com o som dos anos 80 – a fase áurea do tecnopop. Das seis, só **RANDOM MINDMACHINE** (a mais legal) e **NO COMMENT** (a mais fraca) não recorreram à composições alheias nos seus novos trabalhos. Os trios **NECROPHILISTIC ANODYNE** e **BEBORN BETON** comparecem com dois bons álbuns, respectivamente **Drown... Into This Day** e **Concret Ground**. O primeiro grupo (cuja guitarra dá um toque roqueiro a sua eletrônica pesada) gravou "Security", dos Men Without Hats, mas consegue seu ponto mais alto na belíssima e evocativa "A Few Seconds". O segundo confirma, com a regravação de "Being Boiled", da Human League, sua filiação à linhagem do tecnopop puro. Ainda é a maior promessa da Subtronic. O eletro-gótico americano **DATA-BANK-A**, único não-alemão do pacote, faz de **Access Denied** o seu melhor disco em dez anos de carreira – mas as versões perfunctórias de "In Every Dreamhouse A Heartache" (Roxy Music) e "Isolation" (Joy Division) soam mais como curiosidade. O duo **SECOND DECAY** (que vem em agosto ao Brasil) continua com a sua pesquisa de timbres analógicos, soando como uma espécie de "Kraftwerk Jr." em **Taste**, seu segundo álbum. O disco traz uma regravação bizarra, "Born To Be Alive" de Patrick Hernandez (!). Apenas simpático.

(De cima, no sentido dos ponteiros do relógio) Os grupos alemães eletrônicos Beborn Beton, No Comment e Necrophilistic Anodyne

O melhor mesmo é o já citado **Randon Mindmachine**, um projeto do produtor Marcus Gilyes (Moon), autodefinido como um cruzamento de Einstuerzende Neubauten, Clock DVA e Nine Inch Nails. Seu "tekno-dance-industrial" instrumental não chega a tanto, mas merece uma audição bem atenta. E o piorzinho é o quarteto No Comment, exatamente o mais identificado com a extinta EBM. Os remixes mais espertinhos do EP (de longa duração) **Eyes** não disfarçam a flagrante falta de criatividade. Os CDs podem ser pedidos à Cri Du Chat, em São Paulo – Fone: (011) 282-7077 Fax (011) 852-8205. ALEX ANTUNES

SINAL DOS NOVOS TEMPOS

Um novo álbum do trio encabeçado por Gordon Gano é sempre bem-vindo. Mas a curiosidade fica maior quando se sabe que o cara fez o *score* musical e ainda está atuando em uma adaptação da ópera *Carmen*, de Bizet, montada na associação teatral Knitting Factory, em Nova York.

Mas até os fãs mais tradicionais dos **VIOLENT FEMMES** não vão ter que se alarmar. Em **New Times** (Elektra), o recente petardo dos rapazes, a banda segue naquela linha country punk que a celebrizou. Desta vez capricham no peso. Gano & Cia. detonam excelentes canções como o hit Breakin' Up" e a curiosa faixa final "Jesus Of Rio", dedicada a ninguém menos que o nosso Cristo Redentor. Um disco para ser recebido de braços abertos. CELSO PUCCI

(A partir da esquerda) Gano e seus dois capangas: Brian Ritchie & Victor De Lorenzo

ARTESÃOS DO ROCK PESADO

Diretamente de Cincinatti, Ohio, o Throneberry estréia em disco após uma batalha de quatro anos

De cara, uma comparação com os Afghan Whigs é inevitável, mas o fato curioso é que o vocalista/guitarrista Jason Arbenz mora há anos com Greg Dulli, o líder/mentor dos AW e produtor de sete das dez composições do disco do Throneberry.

Os vocais são realmente semelhantes, mas o diferencial está nas guitarras, com tramas que resguardam suas texturas personalíssimas, divididas entre as harmonias pesadas e os *riffs* herdados do *jet set* inesquecível do *paisley underground* (movimento que revelou grupos como Dream Syndicate e Green On Red).

As bandas atuais nem bem nascem e já despontam com singles, ou até mesmo álbuns. O resultado é quase sempre imaturo ou despido de identidade. Mas contrariando totalmente esta tal "síndrome dos anos 90", depois de quatro longos anos de estrada, o **THRONEBERRY** – quarteto americano de Cincinatti, Ohio – debutou com **Sangria**, lançado pela Alias (gravadora independente com nomes como Loud Family e Matt Keating).

O álbum é um mosaico incisivo e permeado por um intenso aroma de soul (principalmente nas interpretações vocais). As músicas são contornadas por atmosferas pesadas, mas com nuances de country e de psicodelia).

Sangria é indispensável, pois à exceção de grupos como os Screaming Trees ou o Uncle Tupelo, já não se fazem mais discos como este, onde o rock pesado não tomba na banalidade "grungeira", com diversas tendências virando o mais puro pastiche. FERNANDO NAPORANO

REPLAY

LUXO COM A CARA DE LIXO

Johnny Cash, mistо de trovador country e devoto do rock'n'roll, dedilha tranqüilamente o seu violão

Duas edições em CD escondem maravilhas sob péssimas capas

Não é nada de implicância, mas chega a dar pena – ou mesmo raiva – o péssimo acabamento gráfico de uma coleção como a *Memory Pop Shop*, editada por aqui pela Sony. Ainda mais quando as capas-padrão horrorosas embalam um estofo sonoro de primeiríssima linhagem, como nas coletâneas **The Greatest Years: 1958/1986**, de **JOHNNY CASH** e **Pretty Woman**, de **ROY ORBISON**.

Estas duas lendas não mereciam um tipo de tratamento tão "rampeiro" assim. Mas OK, fica muito difícil não recomendar este par de CDs apesar de todos os pesares.

Cash, por exemplo, é o elo de ligação do country tradicional com a pura energia do rock'n'roll. O que fica bem claro em canções da estirpe de "Oh, What A Dream (You Dreamer You)", "Ring Of Fire", "I Still Miss Someone", "Folsom Prison Blues" e "San Quentin" – estas duas últimas sobre a sua temporada no xadrez, ao ter sido preso por portar anfetaminas.

Em estúdio, Roy Orbison registrando a classe vocal sempre perfeita

Já Orbison, que morreu em 88 devido a um ataque cardíaco, deixou o seu legado vocal inigualável em melodias como "In Dreams", "Crying", "Only The Lonely", "It's Over" "Running Scared" e muitas outras maravilhas presentes nesta compilação.

Portanto, não ligue para as "capas grossas" e saboreie os recheios, estes sim, biscoitos finíssimos para o seu paladar. CELSO PUCCI

REVELANDO GIL

Mostras da arte e manha do cantor e compositor baiano

Nos anos 70, Gil lançou ótimos discos sobre esta dupla recaída

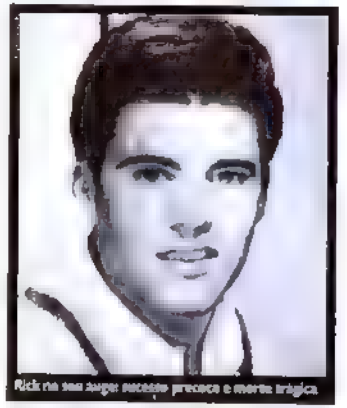
Em uma carreira de quase trinta anos, é bem difícil destacar um disco apenas. Ainda mais quando se trata de **GILBERTO GIL**, um artista brasileiro privilegiado. Como chamar de "disco de transição" uma obra vinda de alguém que sempre soube se renovar?

O melhor mesmo é dizer que estes discos serão eternos "favoritos", retratos temáticos da dualidade social brasileira. **Refazenda** (75) e **Refavela** (77) agora surgem em CD, via Philips/PolyGram. São obras complementares em sua simplicidade sofisticada e antecedem a opção lisérgica de *Realce* (79), com algumas das mais delicadas canções compostas por Gil, como "Retiros Espirituais" e "Aqui E Agora".

Com os pés plantados na musicalidade do interior do Brasil, o primeiro tem a presença marcante do acordeão de Dominguinhos que assina "Lamento Sertanejo" e "Tenho Sede", retomando a associação de "Só Quero Um Xodó". O outro disco é essencialmente urbano, versando sobre os guetos das grandes metrópoles, frutos das "migrações forçadas pela caravela", como o próprio Gil escreve no texto de apresentação. Destaques: "Ilê Ayê" e "Patuscada De Gandhi". CLÁUDIO CAMPOS

BAMBAS DO POP E DO ROCKABILLY

CDs independentes resgatam Rick Nelson e Carl Perkins



Rick no seu auge: sucesso precoce e morte trágica

Para quem gosta de rockabilly, o selo independente Maurício Produções – Rua Santa Eulália, 127, São Paulo (SP), fone (011) 959-2821 – coloca no mercado **CARL PERKINS** com **Rock'N'Roll Greats** e **RICK NELSON**, com **Hello, Mary Lou**.

O primeiro já havia saído por aqui no final da década passada em vinil, com menos faixas, e agora recupera nada menos que 24 canções bem legais do cara, chegando a clássicos como "Blue Suede Shoes" (o hit de Elvis Presley) e outras músicas gravadas pelos Beatles, por Jimi Hendrix, por The Cramps e muitos outros.

Já Rick (ou Ricky), projetou-se ainda criança no rádio e na TV como um dos maiores ídolos pop de sua época. Depois, ele enveredou pelo country e pela psicodelia, chegando a atuar em Hollywood ao lado de John Wayne e de Jack Lemmon. Mais recentemente, resolveu regravar seus antigos hits – como neste CD – até morrer em um desastre aéreo, em 85. SÉRGIO BARBO

MATAR... DESTRUIR...

Anthrax capturado no palco e transpirando pura energia

O vocalista Joe Belladonna na longínqua noite de 19 de outubro de 91, apenas exclamava: "Gritem bastante porque isto está sendo gravado e vai virar um disco ao vivo", durante a turnê que o **ANTHRAX** fez com o Public Enemy.

Mas todos sabem que a história não foi bem assim: o disco **Live – The Island Years** (Island/EMI-Odeon) só saiu agora, à revelia da banda. Mas nem por isso deixa de ser bom. Surgido no início dos anos 80, a princípio os caras lembram uma banda de thrash comum. Tem um baterista monstruoso, que parece uma locomotiva – Charlie Benante – e um guitarrista performático, o careca Scott Ian. O que diferencia o Anthrax é o extremo escracho do grupo.

Eles gostam de reverenciar seus ídolos no palco – Sex Pistols, Kiss e Black Sabbath já foram premiados com covers. Em alguns shows, entram em cena levando "no gogó" o tema do filme *Os Irmãos Cara-De-Pau*. E insistem em misturar metal com aquele "som de negão", o rap. O resultado disso foi "I'm The Man", feita em homenagem ao Judge Dread, personagem de quadrinhos.

O show que virou disco ao vivo tem tudo isso. Cada faixa é um jorro de adrenalina pura, comandadas pela muralha de guitarras construída por Scott Ian e Frank Bello. Entre os destaques temos a versão deles para "Parasite", do Kiss, além de Flavour Flav e Chuck D, do Public Enemy, mandando ver em "Bring The Noise". E tem mais: o disco ainda contém quatro músicas gravadas em um estúdio de rádio. SÉRGIO MARTINS

REPLAY

BLUES ESTRATOSFÉRICOS

Antologia com faixas inéditas traz as raízes do som de Hendrix

Categorizar o estilo de **JIMI HENDRIX** sempre foi um desafio para fãs e críticos. Avatar psicodélico segundo alguns, ou precursor do heavy metal para outros tantos, jazzista, pós rock'n'roller (não lhe chamaram de "Elvis black" quando de sua volta aos Estados Unidos em 67?), proto funker, avô dos crossovers, ícone pop... Rótulos jamais faltavam quando ele era o assunto.

Mas por trás de todo o hype, ou das atuações dos carimbadores malucos de plantão, Jimi já se revelava um bluesman no nível de Robert Johnson e Muddy Waters, para citar apenas dois mestres.

É o que prova a recém-lançada coletânea **Jimi Hendrix: Blues** (MCA). Composta por material raro garimpado nos arquivos do produtor e engenheiro de som Alan Douglas, estas gravações nos trazem um Hendrix que não se limitava a seguir as estruturas mais convencionais do gênero.

Como se pode ouvir nas versões dos clássicos "Mannish Boy" e "Catfish", o blues era de uma natureza fluida, quase polimorfa para o guitarrista. Ou como ele mesmo anuncia na abertura da faixa "Electric Church Red House": "tudo não passa de liberdade". E para deixar qualquer *hendriximaníaco* de quatro: a Band Of Gipsies reinventa "Born Under A Bad Sign" (Albert King) além da levada comatosa de "Once I Had A Woman" e da combustão espontânea que consome a citada "Electric Church..." – com direito ao órgão de Lee Michaels e à dupla de baterias formada por Mitch Mitchell e Buddy Miles! ARTHUR G. COUTO DUARTE

O guitarrista que conseguiu levar o blues até as suas últimas conseqüências

COUNTRY POP DE FINO TRATO

Trio americano resgata seus sucessos em retrospectiva

O THREE DOG NIGHT foi uma das grandes bandas americanas do começo dos anos 70. Mesmo vendendo discos aos montes, este trio até que permaneceu relativamente anônimo no circo do rock n'roll. Agora os caras têm o seu trabalho revisitado em **Celebrate – The Three Dog Night Story** (MCA), CD duplo que faz uma bela antologia da carreira do trio.

A espinha dorsal do grupo eram os vocalistas Danny Hutton, Chuck Negron e Cory Wells. Ao contrário de outras bandas da época que davam ênfase aos álbuns, o Three Dog Night preferia trabalhar com seus compactos. Era basicamente uma banda pós-psicodélica, com influência de *soul music* e do rhythm'n blues.

A principal crítica em relação ao Three Dog Night é que eles não compunham suas músicas. Naquele período "cabeça" dos anos 70 isso parecia imperdoável.

Em compensação, foram eles que lançaram nada menos do que autores como Nilsson, Leo Sayer, Elton John, Randy Newman e outros.

Celebrate... traz os sucessos do grupo, começando por "Try A Little Tenderness" (69), passando pelos outros grandes hits deles como "One", "Mama Told Me Not To Come", "Joy To The World", "Black And White" etc.

Quem se interessa pelo melhor pop dos primórdios dos anos 70 tem que sair correndo atrás deste CD duplo. Já! PAULO CAVALCANTI

As três vozes do TDN (à partir da esquerda): Cory Wells, Chuck Negron & Danny Hutton

Shane MacGowan: sempre fuzilando timpanos alheios com sua voz de "bebaço"

DOSES MACIÇAS DE FOLK PUNK

Discografia de Shane & Cia. ressurge em CD

Dá-lhe para tomar uma – ou várias – em comemoração! A Warner inglesa reeditou com todas as honras os álbuns do combo anglo-irlandês **THE POGUES**, quando este tinha em sua linha de frente os vocais e riffs de Shane MacGowan (que deixou o grupo antes de lançarem o seu último disco *Waiting For Herb*).

Apesar de ainda preservarem o seu folk punk de forma digna, essa foi uma perda pesada para a banda, que seguiu com Spider Stacy assumindo os vocais, após uma ligeira temporada com Joe Strummer (ex-The Clash) no posto.

Com os dentes podres e a voz "manguaceira" de Shane, o grupo assumiu sua personalidade. Desde a estréia – **Red Roses For Me** (84) – os bebemões profissionais já mostravam aquela sua mistura característica da adrenalina punk com melodias tradicionais, baseada em uma textura sonora eminentemente acústica. A "zoeira de raízes" seguiu com **Rum, Sodomy & The Lash** (85) e **If I Should Fall From Grace With God** (86), produzidos por Elvis Costello e Steve Lillywhite respectivamente. E mais: este último também foi responsável pela parte sonora de **Peace And Love** (89, único lançado por aqui) cabendo ao chapa Strummer a produção do álbum seguinte, **Hell's Ditch** (90).

Para os fãs, este pacote é um copo cheio mas para quem quiser um resumo da história recomenda-se também uma ótima coletânea **The Best Of The Rest** (92). CELSO PUCCI

JUNKIE BOX: Au Pairs

Discografia selecionada

- **Playing With A Different Sex** (Human, 81)
- **Sense And Sensuality** (Kamera, 82)
- **Live In Berlin** (AKA, 83)
- **Playing With A Different Sex... Plus** (RPM, 92) CD que inclui as nove faixas do álbum original e os quatro singles do grupo.
- **Sense And Sensuality... Plus** (RPM, 93) CD que traz as dez faixas do álbum original mais duas gravações demo e quatro ao vivo, com faixas destinadas ao terceiro álbum de estudo do grupo, o qual nunca chegou a ser gravado.

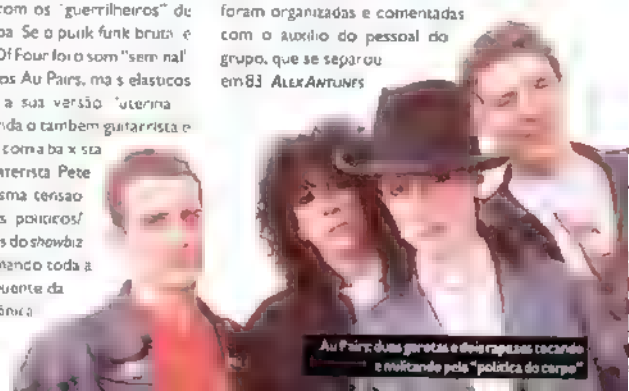
Muito antes do feminismo irritadiço das *riot grrrls*, bem no início da new wave inglesa, uma banda genial já mandava bala nas questões mais complicadas do inferno doméstico, em temas como o casamento, o homossexualismo, as gravidezes indesejadas.

Era 78 e as (os) **AU PAIRS** já subiam aos palcos de Birmingham e adjacências com sua formação pouco usual (duas mulheres e dois homens) e canções corrosivas: "Monogamia – O Que Você Está Me Fazendo", "Jenny E Sua Namorada Mulher Idea"... Numa espécie de contraponto ao marxismo de carteirinha da Gang Of Four, a banda liderada pela vocalista/guitarrista Lesley Woods se dedicava a outras políticas, as do corpo.

A comparação com os "guerrilheiros" de Leeds não vem à toa. Se o punk funk bruto e anguloso da Gang Of Four foi o som "sem mal" do *brit funk* inglês, os Au Pairs, mais elásticos e sensuais, foram a sua versão "feminina". Completavam a banda o também guitarrista e vocalista Paul Foad, com a baixista Jane Munro e o baterista Pete Hammonds. A mesma censão entre os princípios políticos/pessoais e as exigências do *showbiz* que acabariam vetando toda a facção mais consequente da tal new wave britânica de The Clash ao PiL, iriam acabar com os Au Pairs.

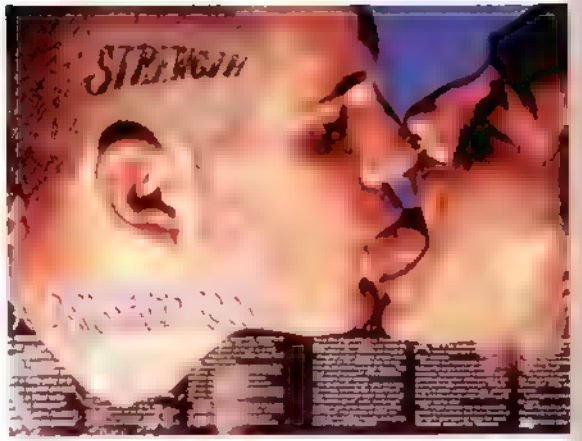
A principal diferença é que o grupo, apesar do reconhecimento da crítica e do público britânico, nunca superou as suas dificuldades de distribuição através dos selos independentes pelos quais gravou (de nomes obscuros como Human, 021, Kamera e AKA).

As edições em CD de versões ampliadas dos seus dois álbuns de estúdio acrescidas de todos os compactos e algumas demos (pelo selo inglês RPM), dão uma chance única de reavaliar a mais forte concorrente ao título de "maior banda desconhecida" da new wave inglesa (ao lado de The Sound, que também merece uma *jukebox* destas). As reedições foram organizadas e comentadas com o auxílio do pessoal do grupo, que se separou em 83. ALEX ANTUNES



Au Pairs: duas garotas e dois rapazes tocando e militando pela "política do corpo"

MIX
O balanço da mídia



Phil Anselmo dando um malho em Nuno Bettencourt!?

Nada disso. A foto publicada em página dupla na edição de 28 de maio da britânica *Kerrang!* pegou de surpresa muitos desavisados, mas o objeto de desejo do vocalista do Pantera é apenas sua namorada. E ela não é a cara do guitarrista do desaparecido Extreme?

O gosto da fama

Ninguém segura o Soundgarden. A banda de Chris Cornell e Kim Thayil ganhou a capa da *Rolling Stone* de 16 de junho e ainda por cima emplacou uma senhora entrevista na *i-D* do mesmo mês. Coincidência ou não, as duas matérias acabaram batendo nas mesmas teclas: drogas, Seattle e a vida com a fama

Prince fala

Sua majestade resolveu soltar o verbo. Depois de quatro anos sem falar à imprensa, Prince deu um tempo em sua temporada no principado de Mônaco – onde tocou na festa de aniversário do príncipe Albert para conceder uma entrevista à revista inglesa Q. Pra variar, o anão de Mineappolis foi reticente: nenhuma resposta tem mais que três linhas. "Nem todas as minhas canções são sobre sexo. As pessoas é que enxergam isso". Só mesmo o próprio deve crer nessa lenga-lenga

Síndrome de Michael Jackson

Pela primeira vez em sua história, a *Vibe* – revista pop dedicada à cultura afro-americana – resolveu abrir mão de uma de suas tradições: só colocar negros em suas capas. Os autores da façanha são os meninos do Beastie Boys, superestourados na parada rap americana

Diga-se de passagem, eles merecem

Galgando degraus

A revista francesa *Les Inrockuptibles* resolveu eleger o quarteto Blur como o mais novo ícone do pop inglês. E parece que a aposta é quente. Pelo teor da reportagem, tudo indica que *Parklife*, terceiro disco da banda, vai parar no topo das paradas de críticos de 94

HELIO GOMES

Incluindo os sucessos:
Expresso 2222, Aquele abraço,
Toda menina baiana
e os inéditos
Sampa, A novidade e A paz.

Gravação ao vivo do Acústico MTV. À venda em CD, LP, K7 e Home video. Lançamento Warner Music.

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor - Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Editor especial: Celso de Salles Pucci
Editor de arte: Richard Kovacs
Editores-assistentes: Sergio Martins, Hélio Gomes, Robert Halfoun, Gabriela Dias
Diagramador: Flavio H. B. Vianna
Coordenador de produção: Roberto Morgan Lopes
Correspondentes: Ananiara G. Lemos (Londres), José Emilio Rondeau (Los Angeles)
Colaboraram nesta edição – Texto: Alex Antunes, André Barcinski, Arthur G. Couto Duarte, Aymon Magnani, Claudio Campos, Cristina Ruiz (Nova York), Fabian Chacur, Fernando Naporano (Londres), Hagamenon Brito, Irael Riveras, Jefferson de Souza, João Ricardo Lima, Paulo Cavalcanti, René Ferri, Sérgio Barbo. **Fotos:** André Sadan, Claudio Elisabetsky, Fábio Cabral, Jorge Rosenberg, Penna Prearo, Rui Mendes, Sergio Ninda. **Arte:** 15 Sumica, Walcomir Gerotti. **Ilustrações:** Burritos Co., Ciro Cozzolino, Os Gêmeos, Speto.

PUBLICIDADE

Diretor de Publicidade: Cláudio Santos
Gerente: Ana Lúcia Serra
Supervisores de Contas: Álvaro Palmares, Fábio Gomes, Ricardo Santos
Contatos: Ana Lúcia Bellose, Ana Maria Lobo, Cristiane Mormaço, Loureiro
Marketing Publicitário: Denise Fernandes
Coordenadores: Antônio Personeni, Igor Adam, José Soares

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Miranda Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Anneliese C. Dias
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Gali Porsani
Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Hatsu
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rosaria Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Liege de Lima Cunha Castro

BIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **(ISSN 0104-1649**, edição 108, julho de 1994). **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel. (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex (011) 83178, fax (011) 813-9115. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35, CEP 20020-080 Centro, tel (021) 532-0313, fax (021) 532-1468, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Freiras, 2685 Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** [illegible]

Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222

ANER IVC

Fotolito: [illegible]. Impressa na Divisão Gráfica da Editora Abril S.A.

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

CONTIGO: Gente, Atualidades e TV
BIZZ: Rock
SET: Cinema e Vídeo
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

Femininas

BOA FORMA: Fitness, Beleza e Saúde
CARÍCIA: Comportamento Adolescente
UAU: Ídolos da Juventude
HORÓSCOPO: Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem, Natureza e Ecologia
SAÚDE É VITAL: Prevenção e Saúde

Guias e Anuários

VIAGEM E TURISMO
HORÓSCOPO ANUAL
1500 VÍDEOS

Especiais

FAMA
LETRAS TRADUZIDAS
VÍDEO EROTICO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel. (011) 816-7866 - Fax (011) 813-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1486 - CP 4816

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel.: (061) 223-2134 - Fax: (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 907 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax (0192) 32-7975
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1904 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte/MG - Tel. e Fax: (031) 224-9534
Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel./Fax: (051) 223-9528
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel. (0482) 32-0519

CARTAS

BOB MARLEY: ENTRE O CÉU E O INFERNO

Eu respeito o direito que Otávio Rodrigues tem de não gostar de Bob Marley, mas considerei uma afronta a reportagem de capa na edição 106 da BIZZ. Acho que um jornalista deve sempre buscar a verdade, mas será que não dava para pegar mais leve? Não porque toda a verdade não deva ser dita, mas porque ela não deve quebrar a suposta adoração que os fãs têm por seus ídolos. Faltou ética. Por que se posicionar assim?

Onde estão a imparcialidade e a objetividade jornalísticas? Bob Marley uma vez disse "If I am guilty, I'll pay" ("Se sou culpado, vou pagar"). Espero que não seja através das palavras maldosas de Otávio Rodrigues.

Renata Rezende
Rio de Janeiro/RJ

Vocês arrebentaram. Gostaria que Bob Marley fosse bonzinho, mas a matéria que vocês fizeram mostrou que não era bem assim.

Luciana Ribeiro
Cataguases/MG

Quero manifestar imenso pesar pela BIZZ 106, que retratou a vida obscura de Sua Majestade Bob Marley. Nós não queremos saber dos seus podres, mas que a revista fale do que ele fez, do quanto colaborou e significou para o cenário musical do planeta.

Sebastian Morais Oliveira
São Paulo/SP

Cabeça fria, macacada: a BIZZ nada mais fez que jornalisticamente apurar os fatos, condensá-los e publicá-los.

Jornalisticamente mesmo: expondo todas as versões, mostrando fotos e apurando detalhes. E ninguém melhor que o fã de Marley, jornalista e reggae maníaco Otávio Rodrigues para fazê-lo.

KURT COBAIN: MAIS BATE-BOCA

Estamos diante de um fato radical: Kurt Cobain suicidou-se, justificando-se em função do ataque dos tubarões da indústria fonográfica. A crítica e o público fizeram julgamentos passionais e moralistas. O suicídio de Kurt não foi digno nem de idolatria, nem de execução pública. Ele foi um ingênuo que, ao se matar, aproximou-se mais do Werther de Goethe do que dos "estúpidos do rock". Se idolatrá-lo é burrice, ridicularizá-lo é burrice maior (aliás, é moralismo inconseqüente).

Adriano Moralis
São Bernardo do Campo/SP

A BIZZ se posicionou de forma condenável em relação ao suicídio de Kurt Cobain. A humanidade vive um vazio existencial tão grande que criou mitos (inclusive líderes religiosos) para dar sentido à sua miserável passagem pelo mundo. O suicídio pode até ser um ato egoísta, mas não dá para negar sua força libertária diante da merda em que estamos afundados.

Guilherme Linhares Neto
Fortaleza/CE

O que Kurt desejava era que todos o entendessem. O que não gostamos de entender é a fragilidade de sua alma. Mais um idiota se foi.

Fábio Nunes
Jacobina/BA

Muitos leitores odeiam o André Barcinski, mas dessa vez não dá para negar: seu texto chamado "Rockstar Na Contramão", publicado na edição 105 como parte do Caderno Especial sobre a morte de Kurt Cobain, foi o mais coeso, respeitável e honesto dos últimos tempos.

Marlons de Almeida e Silva
Cáceres/MT

SER PUNK É SER GAY?

A BIZZ disse que um tal Billie Joe, da banda "punk" Green Day, disse que "todo punk é gay". Eu queria dizer que, se este cara é viado, ele não é punk. Pois eu sou punk e não sou viado (aliás, não conheço nenhum punk viado, pois no movimento não entra gente desse tipo).

Erick Mauro de Andrade
Barra de São Francisco/ES

E desde quando ser um homofóbico significa ser punk? Ser homofóbico é ser, isso sim, dunhead.

RAMONES E O "CANO" NOS CARIOCAS

É chatíssimo saber que aquilo que manda no mundo da música é o dinheiro. Que a arte está se rendendo a ele. O show dos Ramones aqui no Rio estava confirmado e foi cancelado para ceder seu lugar a uma terceira apresentação na rica São Paulo.

João Mars Cabral
Rio de Janeiro/RJ

OS PARALAMAS DO SOSSEGO

Os Paralamas não estão com esse pique todo. Prova disso é que vocês mostraram, na edição 104, que eles gastaram quase quinze minutos para remar da avenida onde estavam até o meio da ponte que dá acesso ao Big Ben. Olha que a distância nem é tão longa... E vocês ainda gastam três páginas com eles...

Pedro Góes
Adamantina/SP

Não foram três, mas seis páginas. Parece que os Paralamas não são os únicos "sossegados" por aqui...

SEPARATISMO JÁ!

Nunca vi na BIZZ uma entrevista completa com alguma banda de rock'n'roll autêntico aqui do Sul (Rosa Tatuada, TNT). Não suportamos mais esse boicote imbecil contra o rock gaúcho, que é o mais autêntico e sincero. Pena que aquela idéia maluca do separatismo não deu certo.

Pereba e Titanic
Pelotas/RS

Epa! "O mais autêntico e sincero"? Bairrismo é isso aí. Não nos admira que alguns de vocês sejam a favor dessa idéia imbecil de separatismo.

NADA DE FOTOS?!

Mais textos e menos fotos! A BIZZ está saindo com muitas fotos! Qual é a de ficarem publicando esses ensaios fotográfico com cinqüenta páginas no meio da revista? Outra coisa: a BIZZ está muito fina! Dá para ler em uma hora! Nós queremos ler, ler!

Até as vadias que vocês colocam no começo do Showbizz são perda de espaço. Elas são tesudas, mas revista de punheteiro é *Playboy*. Aumentem a seção *Lançamentos*. E coloquem o visionário disco do Mr. Bungle na *Discoteca Básica*. Aumentem a seção *Cartas* para caber a minha.

Quero mais metal, mais funk, mais jazz e mais cigarro que o meu acabou. Me sirvam um conhaque! Sou assinante! Me obedeçam!

Alexandre Dittrich
Blumenau/SC

ERRATAS

BIZZ 104

• Showbizz, pg. 14: Alex Podrão está no BSB-H, não no "Bab-H".
• Nas indicações para o Prêmio BIZZ, pg. 19, a música do Aerosmith chama-se "Living On The Edge".

BIZZ 105

• Pg. 40: saiu que os Ramones iriam tocar no Brasil com os Stone Temple Pilots e o Motörhead. Eles tocaram sozinhos no Olympia, em São Paulo.
• Pg. 41: o correto é "Show dos Ramones é como o filme A Fábrica De Chocolate: você sabe como vai ser...".
• Pg. 7, Caderno Especial do Nirvana: o álbum *In Utero* não contém a faixa "I Hate Myself, I Wanna Die", como publicado na *Discografia Comentada*.

discoteca básica

BLUE CHEER
Vincebus Eruptum

PERFORMANCE

Lançamento 1968 ■ **Produção** Abe "Voco" Kesh ■ **Faixas** "Summertime Blues" • "Rock Me Baby" • "Doctor Please" • "Out Of Focus" • "Parchment Farm" • "Second Time Around" ■ **Notas** O álbum atingiu o 11º posto na parada americana, enquanto o hit "Summertime Blues" alcançou o 14º lugar, figurando entre os cem singles mais vendidos durante treze semanas • A canção de Eddie Cochran também mereceu versões de The Who, T. Rex e Brian Setzer, entre outros • Além de *Vincebus Eruptum*, o Blue Cheer gravou apenas mais cinco álbuns em sua curta carreira: *Outside Inside* (68), *New! Improved!*, *Blue Cheer* (ambos de 69), *The Original Human Beings* e *Oh Pleasant Hope* (ambos de 70) • Recentemente, foram editadas em CD duas boas coletâneas do grupo: *Good Times Are So Hard To Find* (Mercury/PolyGram) e *Louder Than God* (Rhino) • Após sair do grupo, Leigh Stephens lançou dois álbuns junto ao grupo Pilot. Por outro lado, o baterista Paul Whaley morreu de infarto, em 93 ■ **Formatos** Lançado originalmente pela Philips, o disco está disponível em vinil e CD na Holanda e somente em versão digital na Alemanha (onde foi lançado pelo selo Line). Aqui no Brasil, infelizmente nenhum disco foi lançado.

Nem Led Zeppelin, nem Black Sabbath, muito menos Deep Purple. Além de terem surgido depois do Blue Cheer, estes grupos "pegavam leve" se comparados ao trio californiano peso-pesado, que foi o verdadeiro inventor do heavy metal.

Foi o grupo que projetou os arquétipos da corrente hard/heavy do rock, através de vocais ultra-agressivos, amplificação saturada, microfonias e distorções elevadas, sem falar no visual desgrenhado.

Formado por volta de 66, em plena San Francisco psicodélica, o Blue Cheer (nome de um tipo poderosíssimo de LSD) contava com o baixista/vocalista Dickie Peterson (egresso de uma banda obscura chamada Oxford Circle), o guitarrista Leigh Stevens e o baterista Paul Whaley.

"Doctor Please" sugeria que o cantor necessitava de ajuda médica para suportar as divagações lisérgicas, tamanha a demência sonora de seus quase nove minutos. "Out Of Focus" mostrava o lado mais pop da banda com um *riff* pegajoso permeando a música toda, enquanto a brutalidade musical retornava em "Second Time Around", com andamentos disformes, paradas bruscas e solos extensos – bem antes que isso se tornasse lugar comum e puro exibicionismo, através das décadas seguintes.

Após muito ácido lisérgico e incontáveis garrafas diárias de destilados, Stevens afinal foi substituído pelo guitarrista do Other Half, Randy Holden. Posteriormente, Peterson mudou toda a formação e incluiu teclados ao som do grupo.

Blue Cheer (a partir da direita): Dickie Peterson (líder/vocalista/baixista), Leigh Stevens (guitarrista) & Paul Whaley (bateria).

Eram gerenciados por um tal de Gut, que foi um dos fundadores dos Hell's Angels – e não por acaso, o trio se tornou a banda predileta da violenta gangue de motoqueiros.

Eles já entraram arrebentando na alucinada cena musical vigente em 68, com o álbum de estréia, *Vincebus Eruptum*. O petardo era aberto com uma das marcas registradas do grupo: a versão absolutamente detonante de "Summertime Blues", hit do rock'n'roller Eddie Cochran. Só que eles transformaram o rockabilly original no som mais pesado e ensandecido feito até então. O disco seguia com "Rock Me Baby", de B.B.King, em uma cover que levava às últimas consequências a eletrificação do blues urbano.

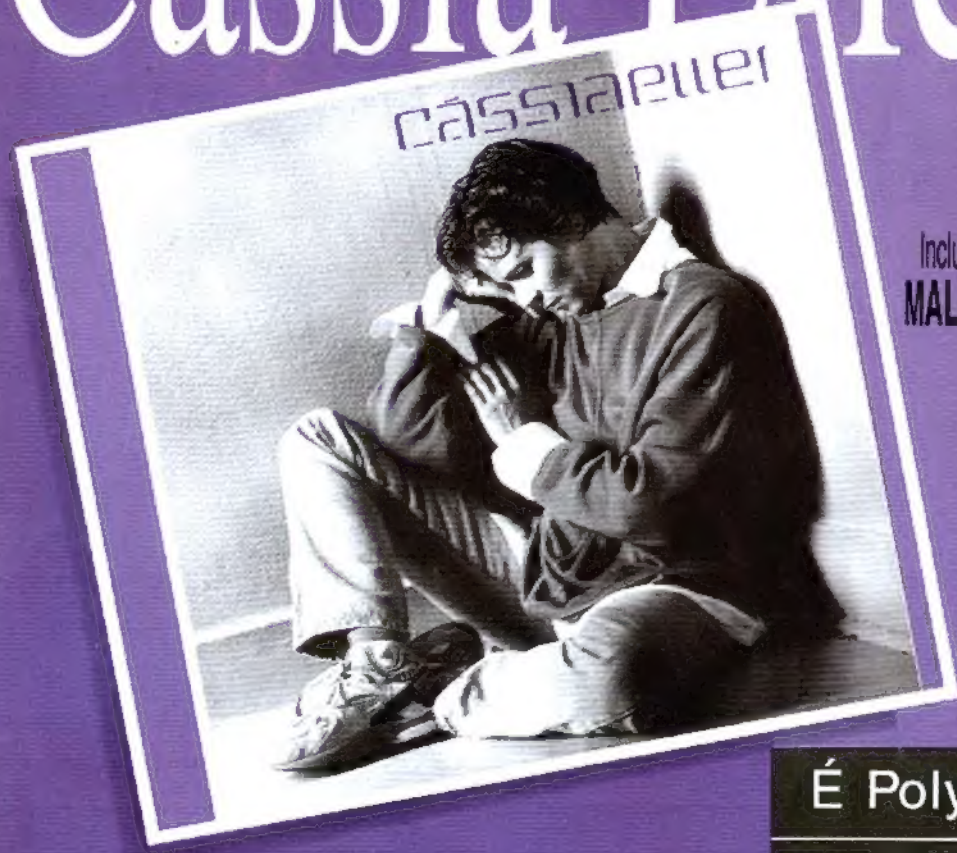
As três canções do grupo presentes no disco – todas compostas por Peterson – também não deixavam por menos.

Assim, de forma paradoxal, enquanto os tempos iam se tornando mais metálicos, a sonoridade do Blue Cheer ficava cada vez mais amena e rebuscada, até se esgotar em 70.

Houve algumas tentativas de *revival*, sem maiores resultados. Mas o grupo deixou sua marca sonora nua e crua no rock'n'roll. Distante do virtuosismo de um Jimi Hendrix ou de um Cream, o trio era odiado pela crítica por sua incompetência técnica, sendo que justamente naqueles "três acordes" com resoluções inusitadas que residiam seus maiores méritos e o charme da música deles. Pioneiros no *crossover* punk metal, Peterson & Cia. desbravaram os caminhos para formações como The Stooges e MC5 e foram tudo aquilo que a turma de Seattle, neo-hippies e afins tentaram ser, mas nunca conseguiram.

Sérgio Barbo

Aumenta
que isso aí é
Cássia Eller.



Incluindo o sucesso
MALANDRAGEM

É PolyGram.
CD / K7 / LP

77
5
SETE SETE CINCO

PRODUÇÃO EXECUTIVA (011) 826-4288 PRODUÇÃO GRÁFICA